

RAMALHO ORTIÇÃO

(CARTA A JOAQUIM D'ARAÚJO)

Newcastle, 25 de fevereiro de 1878.

Meu caro collega.



RECEBO a carta de v. pedindo-me, com pressa, a biographia de Ramalho Ortigão. Creiu que o que v. deseja é a biographia do espirito de Ramalho Ortigão, a historia interior, a do seu talento, não a historia exterior, a da sua vida.

Um homem de letras que não escreve as suas memorias tem realmente direito a que os outros lhas não escrevam. De resto, a historia de Ramalho Ortigão conta-se facilmente: — tem vivido com honra e trabalhado com valor. Póde-se acrescentar que nasceu no Porto (intellectualmente em Lisboa), e que possui duas qualidades eminentes, de grande resultado moral, raras nos seus contemporaneos: — não é bacharel e tem saude. A biographia do seu espirito é mais complexa.

Diz-se geralmente — Ramalho Ortigão, autor das *Farpas*; não seria inexacto dizer — as *Farpas*, autoras de Ramalho Ortigão. A sua obra tem-no creado. Se elle, ha sete annos dá ás *Farpas* tempo, cuidados, estudo, — as *Farpas* tem-lhe pago regimento; tem-no feito. Tem-lhe dado a disciplina do raciocinio, a observação, a exclusiva fé na sciencia, a critica, uma bella elevação moral, uma fórma magistral. As *Farpas* tem sido para elle a grande escola da Ironia: Ramalho tem feito na Ironia a sua educação e a sua carreira. A epigraphie invocativa das *Farpas*, é inteiramente exacta, como historia do seu progresso: é a Ironia que o tem libertado da rotina, da adoração dos falsos Deuses e dos falsos Diabos, das mistificações da politica, das pequenas ambições e dos pequenos luxos, da infatuação, da melancolica escravidão dos partidos, das superstições sociaes e dos mandamentos transcentes. É a Ironia que, fazendo-o livre, o tem feito justo.

Ramalho Ortigão depois das *Farpas* é um homem inteiramente diferente de Ramalho Ortigão antes das *Farpas*. E, todavia, ainda não ha um anno que eu vi um estudo, pintando-o como um janota amigo dos córtes excéntricos, e julgando o *boulevard* a mais nobre instituição dos tempos modernos. Esta apreciação não era uma perfidia, nem um erro: era um velho cliché, a tiragem recente duma antiga estampa: era uma rotinice. A rotina, numa das suas fórmas mais estupidas, é a persistencia caturra numa primeira impressão. É o grande vicio chinéz. Ha dous mil annos a China num momento de grande impulso interior, abriu os olhos d'alma, e concebeu num relance, uma certa idéa do Universo, do Homem, da Arte e da Sociedade: dous mil annos passaram e a China persiste, impassivel, na adoração e no uso destas concepções primitivas. O portuguez moderno tem muito do chinéz. A primeira impressão que nos vem á retina, fica-nos perpetuamente no espirito. Ramalho Ortigão ha annos (o seu talento podia dizer ha seculos), foi visto no Chiado com um chapéu Panama, gabando os meritos de M.^{lle} Rigolboche, a antiga Carlos Magno da prostituição; ha sujeitos para quem Ramalho, apesar de trinta volumes de *Farpas*, é ainda hoje o homem do chapéu Panama e o Plutarcho de M.^{lle} Rigolboche.

Eu conheci-o antes das *Farpas*. Já tinha então as qualidades eminentes de corpo e de coração: era forte, era são, era bom, era alegre; mas dos cabellos aos bicos dos sapatos, era, em cada plegada, um literato; mais — era um janota. O chapéu Panama era então exacto. Paris, ou antes um dos lados de Paris, — o Paris do *chic*, das *cocottes*, das operetas, dos *boursiers*, dos *jockeys*, das dançarinas e dos pequenos tirannos — deixára-lhe nos olhos e no espirito um grande deslumbramento: se lá se tivesse estabelecido então, teria escrito, com fervor, no *Figaro*; teria ido todas as tardes ao *Bois* curvar o espinhaço deante da librê verde e oiro do personagem taciturno e cachetico que então dominava o mundo; iria, por estilo, jantar *chez Vachette*, com o ramo de violetas d'uniforme e gabar as grandes idéas do reinado, bebendo Romanée-Imperial; publicaria em casa de Michel Levy um volume intitulado os *Contos do Asphalto*; e, declarada a guerra, como era bravo, ter-se-hia alistado nos Zouavos, e morrido heroicamente em Gravelotte ou Saint-Privat. Em Portugal era a contrefacção lisboeta deste typo amado: dizia-se conservador; admirava, Deus me perdêdo, os tenores de S. Bento (de que mais tarde devia fazer a prodigiosa caricatura); detestava a Democrazia por que lhe supunha caspa; era, entre nós barbaros, o S. Paulo do *Crevetismo*; escreveu um livro *Em Paris*, que foi a sua carta aos Corinthios; se não era inteiramente devoto, achava a religião um accessorio indispensavel ao homem bem-educado; e preferiria de certo ter escrito a *Familia Benoiton*, a ter composto os *Luziadas*. Ao mesmo tempo, conservava-se na fórma um literato portuguez; era um purista, — tinha o estilo vernaculo, quinhentista, archaico, obsoleto: exprimia as suas preferencias de *boulevard* na linguagem de Bernardes; as suas idéas eram de dandy, a sua prosa de frade!

E em dez annos, por um prodigioso trabalho dentro de si, sobre si, — é o autor das *Farpas*!

As suas primeiras revelações tinham sido no *Jornal do Porto*: havia já então nos seus folhetins sahidas, *boutades*, repentes, jactos de veia, — que mostravam um espirito original, mais sarcastico que ironico, petulante, amando a luta. Mas a sua bella veia natural era inteiramente inutilisada, pela sua pesada prosa vernacula; era como um agil jogador de *cricket* metido dentro duma armadura do tempo de D. Sancho II; depois não tinha disciplina, vadiava, entretido com bagatelas, occupando-se a dismantelar aqui uma pacata assembléa da Foz, além um pobre poeta lirico da rua das Hortas. Não tinha as armas modernas, nem via o inimigo moderno: a sua Ironia precisava um estilo e uma philosophia.

Pertencem a este periodo, creio, as *Historias côr de rosa*. Li-as ha dez annos, e tenho a impressão dum livro arranjadinho com geito, deste romantismo modernizado, em que os gritos da paixão plebea são substituidos pelos suspiros duma sensibilidade elegante; alguma cousa de ornamentado, assestinado, precioso, *d'étagere rica*; e terminando por uma pagina admiravel, a *Visita de peçames*, em que já se entrevia o realista, o caricaturista, com os processos quasi scientificos do escarneio.

O grande successo da *Lanterna*, tendo posto á moda, como sistema, o riso d'oposição, deu, talvez, origem ás *Farpas*: mas a intenção, cabe-me dizer a pretensão, das *Farpas*, era mais larga, bem mais critica; um *vaudevellista* heroico, representante da *gaminerie* na Revolução, lançava a *Lanterna* contra um homem: nós queriamos lançar as *Farpas* contra um mundo. Taes são os ardores, as destemidas illusões da mocidade!

Apenas nas *Farpas*, Ramalho Ortigão bem depressa achou a sua fórma: desembarçou-se da velha armadura quinhentista — e saltou de dentro, rapido, vivo, brilhante, vergando e

sacudindo a sua frase como uma lamina de florete. Mas antes d'atacar, elle não o pôde negar, teve um momento de hesitação, muito perdoavel, de certo; via diante de si, na fileira inimiga, tantos santos da sua antiga devoção! É duro, por exemplo, para um velho conservador, ter d'atirar estocadas ao bello peito d'orador do Parlamentarismo, de voz sonora, e presençada agradável: é duro para um antigo literato, frequentador do *Amor* e *Melancolia*, ir perseguir de ferro em punho, até debaixo das saias da Academia todo um povo agachado e tremulo de Tropos e de Lirismos. Debalde vozes exaltadas e tentadoras lhe diziam que todo aquelle grupo d'Abusos, politicos, literarios e sociaes, eram antigos reus, a que o Bom-senso e o Bom-gosto (para não invocar entidades mais altas) tinham feito um processo profundo, e que haviam condemnado á morte: estavam ali, contra o muro; podia com a consciencia calma atirar-lhes, segundo o seu temperamento — balas ou cebolas. Ramalho hesitava: aquelles reus, eram os seus Deuses. Teve um acto de grande, de tocante honestidade: foi, elle mesmo, refazer-lhes o processo... Voltou desolado: os Deuses eram de palha! Testas, corações, que julgára cheios, davam o som do ôco! E o seu velho mundo, que amara, e que sempre julgara forte e são como o marmore, tinha fendas esbeçadas por onde escorria vermina!

Não tornou a hesitar: o folhetinista *dilletanti* acabava; começava o panfletario *illustre*.

O primeiro fim das *Farpas* foi promover o riso. O riso é a mais antiga, ainda a mais terrível forma da critica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta duma instituição, e a instituição allue-se: é a Bíblia que nol-o ensina sob a allegoria, geralmente estimada; das trombetas de Josué, em torno de Jerichó. Ha uma receita vulgar para produzir o riso: toma-se, por exemplo, um personagem augusto; puxa-se-lhe a lingua até ao embigo, esticam-se-lhe as orelhas numa extensão asinina, rasga-lhe a boca até á nuca, põe-se-lhe um chapéu de bicos de papel; bate-se o tambor e chama-se o publico. Mau methodo, meu caro. Apenas a multidão riu o seu riso, e sáe, — o personagem recolhe a lingua, contráe a orelha, franze a boca, esconde o chapéu de bicos — e continua a ser augusto! As *Farpas* tinham inteiramente outro processo, — era obrigar a multidão a *ver verdadeiro*. Um grande pintor de Paris dizia-me o anno passado: — *a multidão vê falho*. Vê, em Portugal sobre tudo. Pela acceitação passiva das opiniões impostas pelo apagamento das faculdades criticas, por preguiça de exame, — o publico vê como lhe dizem que é. Que amanhan o *Diario de Noticias*, ou outro órgão estimado, declare que o hotel Alliança ao Chiado é uma maravilhosa cathedra gothica, que insista nisto no local e no folhetim, — numa semana o Publico virá fazer no largo de Loreto semi-circulos extaticos e *verá*, positivamente *verá*, as ogivas, as rosaceas, as torres, as maravilhosas esculturas do hotel Alliança. Um dos fins da arte realista é obrigar a *ver verdadeiro*. As *Farpas* tinham esta maneira; — fazer rir do idolo, mostrando por baixo o manequim. Ramalho Ortigão era admiravel nestas demonstrações; por exemplo: um orador *illustre* falava em S. Bento; ninguém como Ramalho para recolher numa bacia os periodos escorridos — e mostrar ao publico que aquella eloquencia sublime eram as féses biliosas de velhos compendios decorados.

Para fazer isto é preciso uma certa coragem. Os Francezes dizem: — é necessario uivar com os lobos. Eu digo, é útil balar com os carneiros; ganha-se a estima dos nedios, as cortezias dos chapeus do Roxo, palmadinhas doces no hombro, de manhan e á noite, uma pingadeirinha de gloria. Mas ir sacudir, encommodar o repouso da velha Tolice Humana traz desconfortos; veem as calumniasinhas, os odiosinhos, os sorrisos amarells, a cicuta de Socrates ás colheres. Todavia,

Ramalho Ortigão foi sempre estimado; nunca, creiu, nem nos jornaes, nem nesse grande *Diario de Noticias* faldado, que se chama em Portugal a Conversação, se remecheu seriamente cicuta para Ramalho. Isto, dizem os scepticos, provem de que geralmente num paiz civilisado e onde a arnica não é barata, — se respeita uma consciencia limpa, que usa uma bengala sólida. De modo nenhum; provém de que Ramalho Ortigão não pôe azedume na sua ironia.

Il n'y a pas d'enfer dans le feu de la forge.

Nunca odiou. Quasi inutil dizer que nunca invejou. Não faz privilegios, nem tem resentimentos; quando eu, o seu melhor amigo, escrevo uma pagina mediocre (o que me succede diabolicamente, frequentemente), diz-mo logo, furioso: que B hoje o insulte, esmaga-lhe o craneo, que B ámanhan escreva os *Luziadas*, beija-lhe as mãos.

Este culto da justiça, foi desde que começou as *Farpas* a sua religião. E pelo principio de que um poeta deve ser tão poetico como os seus poemas — e um moralista tão moral como o seu ensino — applicava a justiça a si, com um rigor de místico. Decidindo-se a fazer *Farpas* contra tudo o que não fosse recto — fazia as vezes, na intimidade, *Farpas* temerosas contra si; se sentia um desfallecimento, ou uma parcialidade, ou um despeito, ou uma preguiça, ou uma tentação, meditava, falava artigos terríveis contra o Ramalho Ortigão. Quando, debaixo do Critico, o Dandy queria reaparecer, atirava-lhe ditos tão crueis, tiradas tão flamejantes — que o Dandy, embrulhado na tempestade sumia-se, como um diabo de magica, nas trevas do sub-solo.

— Meu caro, ensinava-me elle muitas vezes, quando se critica os outros, é necessario ser-se irreprensivel. Não me compete a mim, seu colaborador dentão, falar desse primeiro periodo das *Farpas*. Ás vezes releio um desses velhos numeros; e a verdade é que os meus artigos pareceme antiquados, frios como um mosaico, duma graça senil, inteiramente desbotados; e nos delle, que vigor! que frescura! que côr! conservam todo o calor com que foram escritos, — o riso tem a mesma sonoridade cantante. É que o verdadeiro espirito das *Farpas* estava com Ramalho. Eu achava-me naquella publicação, não inteiramente como Pilatos no Credo, esta comparação seria irreverenciosa para as *Farpas*, mas como um curioso numa profissão alheia. Eu era um *dilletanti* de opposição. E para Ramalho Ortigão as *Farpas* eram a sua obra: iam já tomando, para elle, a gravidade duma missão.

Elas tinham sido, até ahí, simplesmente um instrumentosinho de demolição; uma pequena catapulta, envernizada, de pau preto, com ferrarias muito lustrosas, — ora applicada contra um ridiculo, um abuso, um vicio, um sistema, ora mais alto contra uma instituição, casualmente, raramente, contra um individuo tipo, simbolo de tendencias ou de ideias: (raramente porque elle e eu tinhamos horror ao nome proprio: nas provas, antes de pentearmos os periodos, catavamos-lhes os nomes proprios). Mas Ramalho Ortigão, já nesse tempo pensava em dar ás *Farpas* uma feição mais larga.

Estava cansado de rir, dizia. As *Farpas*, segundo as declarações do editor, tinham 2:000 assignantes; isto representava de 5 a 6:000 leitores: se, propunha elle, aproveitando um tal auditorio, nós lhe ensinássemos alguns principios? Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em philosophia um *touriste* facilmente cansado, em sciencia um *dilletanti* de coxia. Converter a alegre catapultasinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para a Havana,



RAMALHO ORTIGÃO

(De uma photographia do sr. Emilio Biel)

E Ramalho só, fez as novas *Farpas*, as boas, as grandes, as illustres. São as que realmente me agradam. As outras estimo-as pelas recordações que me trazem desse tempo alegre e moço: estas admiro-as pelo seu valor moral e literario, amo-as pela gloria que ellas dão ao meu amigo.

Para ensinar ha uma formalidadesinha a cumprir — saber. E Ramalho, havia tempos, andava-a cumprindo com ardor: entrava na sciencia com a exaltação dum convertido. Rêconhecera que o moderno homem de letras deve possuir em uma generalidade sufficiente os principios do movimento scientifico contemporaneo; — e como um guerreiro que num arsenal se arma rapidamente para uma batalha urgente, começou a prover-se dos elementos essenciaes da philosophia, da economia, da moral, da politica, da historia, das bellas artes, da sciencia, da industria. Foi um

periodo da sua vida muito grave, de grande elevação moral, quasi religioso. A sciencia deu ao panfletario o deslumbramento que Paris tinha dado ao *dandy*: tornou-se a sua preocupação, o seu fim, o seu vicio, mas a sua força. Com que ardor trabalhava! Como se tivesse deante de si um monte de dous mil annos de sciencia, e só doze horas para o desbastar! Naturalmente o seu trabalho, tinha, tem ainda talvez, a irregularidade da soffregidão: ija do socialismo á astronomia, da historia á chimica, lendo hoje um estudo sobre o jubileo de Bonifacio VIII, ámanhan um *compte-rendu* sobre a refinação dos assucares. Enchia-se de noções, de factos, de pontos de vista, de ideias. E dava tudo ás *Farpas*: ellas eram então como uma janella aberta, por onde entravam para o paiz grandes rajadas de civilização e de educação, irregulares e immethodicas, como todas as raja-

das, mas varrendo os miasmas, e trazendo sempre alguma boa semente. Que admiravel, por ex., o volume dedicado á *Instrução em Portugal*. A pedagogia tinha-o constantemente atrahido: o espectáculo duma geração atrophada de espirito e rachitica do corpo desolava-o: e não tem deixado de pedir a reforma da educação — que faça os corpos saões e as almas livres.

Alguns amigos nossos achavam então (e diziam-lho), que as *Farpas* tinham um *excessivo apparatus scientifico*; e que elle, como acontece aos pobres, que herdam grandes fortunas, não podia quasi tirar o lenço do bolso, sem mostrar habilmente massos de notas do banco. Eu mesmo, creiu, o censurei: parecia-me que elle estava torcendo a vocação ás *Farpas*: ellas eram uma satira, — não um curso. Na invasão asiatica do christianismo — havia a legião dos iconoclastas, para derrubar os idolos e, atraz, a cohorte dos apostolos, para fundar a Lei Nova. As *Farpas* eram os iconoclastas: vinham para dismantelar os bustos olimpicos: deviam deixar aos S. Paulos, o cuidado de plantar as cruces. Mas no fundo elle tinha razão; não espalhava erudição por vaidade mas por philantropia. Via o paiz numa ignorancia crassa, fradesca — e com a liberalidade dum philantropo, que considera dos pobres todo o dinheiro que ganha, apressava-se em atirar profusamente aos destituídos de espirito todo o seu peculio de ideias. E depois tinha outra razão: é que os da sua geração, que com grande sciencia e grande autoridade podiam ensinar, persistiam num silencio impassivel. Realmente a não ser o silencio de Anthero de Qental, — o maior de todos, a mais poderosa organização philosophica e critica da peninsula neste seculo, — silencio imposto até aqui pela doença, como explicar a mudez marmorea dos outros? Ha quasi doze annos appareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte dacolá, uma extraordinaria geração: educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ella? A não ser Theophilo Braga, constantemente, Oliveira Martins, nos intervalos das empresas industriaes, e Guerra Junqueiro, o grande poeta moderno da peninsula — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspecto de ter *falhado*.

O tempo urgia; ninguem falava, Ramalho achou-se sentado num pequeno pulpito, com quatro ou cinco mil ouvintes, e julgou necessario, em lugar de os divertir, instruil-os: fizera-os rir — agora fazia-os pensar. É o que sentiu muito bem, num artigo sobre a Literatura portugueza, o *American Correspondent*, de *New-York*.

«No meio do marasmo ignobil das letras portuguezas, «diz em resumo, uma só individualidade vive: é Ramalho «Ortigão nas *Farpas*: faz a satira do seu tempo, mas dá «noções muito justas sobre as questões mais vitais: encar- «rega-se do trabalho de demolição e de reconstrução.»

As *Farpas*, com effeito, tal qual elle as creou, moderadamente, são a obra mais viva da literatura portugueza. Poderia parecer comico que eu tivesse esta opinião duma publicação, que na sua capa azul tem o meu nome, fazendo angulo com o delle, ao lado da cabeça do famoso diabo, — se não fosse absolutamente conhecido em Lisboa, na provincia, que eu ha seis annos não escrevo nas *Farpas*: elle deixou lá o meu nome, deu-lhe mesmo o melhor lugar, no alto, por uma tocante superstição de amisade. De resto, no estrangeiro, onde as *Farpas* são conhecidas, tambem o sabem: leio no *Diccionario Universal* do seculo xix de P. Larousse, no artigo RAMALHO ORTIGÃO (José Duarte): «... esta publicação (as *Farpas*, que elle traduz *Les Fle- «ches*), não deixa de ter analogia com as *Guepes* de Al-

«phonse Karr, mas com uma critica mais larga e mais acea- «da, de ideias muito avançadas, tocando em todas as ques- «tões da Politica, da Arte, e da Sciencia. Ramalho Ortigão «redige-a só, desde 1872.»

Nos trinta volumes das *Farpas*, que elle tem publicado só, ha com effeito tudo: ha sciencia, ha critica, ha arte, ha paisagem, ha romance.

Tem perseguido, sem descanso, os vícios portuguezes, — pequenos e grandes. Não os deixa: ora vergastando-os com sarcasmos, — ora persuadindo-os com reflexões. As vaidades do falso janotismo, os habitos dissolventes do namoro, a dependencia do patrocinato, as educações atrophadoras, o sentimentalismo morbido, o desleixo dos interiores domesticos, a religião por *chic*, a porcaria inveterada, etc., etc., etc. — tudo tem procurado destruir pela ironia e pelo argumento, pela troça e pela logica. O Lisboaeta deve-lhe ser grato. Ramalho tem-se occupado paternalmente delle: emquanto a maioria da imprensa, com um desprezo superior pela felicidade material e moral do Lisboaeta, apenas registra as suas datas biographicas, — nascimento, jornadas, annos e obito, — Ramalho tem procurado reformar os seus costumes, ensinando-lhe a educar os filhos, a escolher uma esposa, a arranjar o conforto da casa, a trabalhar, a formar o espirito: tem, por todos os modos, procurado desvial-o da preguiça, da frequência da poesia lirica, do abuso da mexeriqueice, das fortunas arruinadas em chapéos novos e fracks de casimira; tem reclamado para elle, com impaciencia, quasi com colera, as ruas limpas, a agua abundante, a canalisação purgada, a arborisação; tem-lhe querido evitar os ridiculos — as corridas de cavallos com um só cavallo, as tragedias em que o unico verbo é o verbo *haver*, a fundação de restaurantes tristes, em que uma perdz dura uma geração, as exposições de pintura, compostas invariavelmente e exclusivamente dum carneiro e duma Venus, etc., etc., etc. Lisboa deve-lhe uma estatua.

Em politica tem-se dito que Ramalho Ortigão é republicano. Nada menos exacto. Ramalho, creiu, teme a Republica, tal qual é tramada, nos Clubs amadores de Lisboa e Porto. A republica, em verdade, feita primeiro pelos partidos constitucionaes dessidentes, e refeita depois pelos partidos jacobinos, que tendo vivido fóra do poder e do seu maquinismo, a tomam como uma carreira, seria em Portugal uma balburdia sanguinolenta. (Peço desculpa á Nobreza e ao Povo, se estou dizendo barbaridades: sou um simples artista, a minha critica politica é mediocre. Constitucionaes, Socialistas, Miguelistas, e Jacobinos, de resto para mim, como romancista, são todos productos sociaes, bons para a Arte, quando são típicos, todos igualmente explicaveis, todos igualmente interessantes; o dever do artista é estudal-os, como o botanico estuda as plantas, sem se importar que seja a belladona ou a batata, que envenenem ou nutram.) O que Ramalho mais tem odiado e investivado na politica é a Rhetorica: é o que o exaspera no Constitucionalismo; e a prodigiosa caricatura que tem feito da rhetorica parlamentar, da rhetorica ministerial, da rhetorica regia, da rhetorica burocratica, é que lhe tem dado a reputação republicana. Não penso porém que elle fosse hostil ao sistema, se o sistema não tivesse um tão desordenado fluxo labial. Se o sistema trabalhasse praticamente, em lugar de perorar com furor, estou convencido que Ramalho não o importunaria: elle suppõe, creiu, que o que ha de mais urgente, certas reformas sociaes, pedagogicas, economicas, poderiam bem fazer-se dentro do sistema, se os tropos não tomassem todo o logar das ideias. É contra este abuso do tropo, que Ramalho tem conduzido, bem inutilmente, uma campanha viva, astuta, arrojada, pertinaz. A rhetorica é como a sua filha querida a hidra de Lerna: por cada velha cabeça

decepada, nasce-lhe uma cabeça nova. Tenho visto imagens, lirismos, figuras, terem uma vitalidade, que desconcerta, aterra a imaginação do homem simples. Esta frase por exemplo — o *nosso programma é ordem e moralidade* —, tem resistido a tudo o que Ramalho lhe tem applicado — a injúria, a moca, o veneno, a maldição, a apostrophe, a supplica, o murro, o nitrato de prata, — tudo! De que substancia é feita?

Se Ramalho tem guereado a rhetorica conservadora, não tem poupada a rhetorica democratica, que não é em Portugal menos nociva: é a sua vaga fraseologia idealista, que mantém tanto moço estimavel num humanitarismo enevoado e sentimental, em que aspiram a vêr toda a Europa livre, sem pauperismo, sem guerra, sem substituição, sentando-se em banquetes fraternaes, presididos pelos genios, numa concordia universal, sob a protecção de Jesus, não do Jesus catholico, mas do Jesus revolucionario, democrat, que surri do alto dos ceus, em quanto as searas nascem por si, em campinas arcadicas, ao som dos côros da liberdade... Não é neste estilo que escrevem os nossos jornalistas democratas? os nossos operarios? É ainda a remota influencia deste lirismo democratico, que faz dizer aos conservadores de cincoenta annos, com o sorriso melancolico de quem fala em amores defuntos: — ah, a Republica é uma bem formosa chimera!

Mas a gloria de Ramalho é o seu estilo, e as suas concepções satiricas. É, sem duvida alguma, o estilista mais poderoso de Portugal: tem uma linguagem viva, colorida, bem cunhada, duma grande elasticidade e duma grande solidez, ferindo admiravelmente, colando-se á ideia como um estofo, ao mesmo tempo pratico e resplandecente. É um grande paisagista, por exemplo. Diz-se geralmente que Julio Diniz é o *nosso* paisagista. Julio Diniz com effeito faz sentir admiravelmente a impressão generica da paisagem: sente-se bem a grandeza nobre da montanha, quando lá nos leva, sente-se bem o plebeismo humilde do faval, quando nol-o faz atravessar. Mas Ramalho dá-nos o *realismo* da paisagem. O outro é um Fromentin, menos a côr. Este é um Corot, com mais relevo. A sua descripção da Galeria do sr. Visconde Daupias, é em pura literatura, uma pagina inexcelsavel. Theophilo Gautier, o mestre, não tem nada superior. Certas pequenas paisagens das *Farpas* são prodigiosas: é a natureza surpreendida em flagrante, com o tom, o verde, o luminoso, o esfumado ou o saliente, o fresco ou o torrido; na sua penna ha um pincel. A mesma maravilhosa execução na reprodução, ou na criação de tipos, de figuras, sobre tudo das que têm um destaque comico; com um traço sobrio, intenso, incisivo, põe o personagem em vida, num relevo indelevel. Seria um romancista extraordinario, se fosse psicologo como é desenhista e se tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitude caracterisante. Precisa experimentar. Uma obra admiravel, que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da época, á *Pichwick*, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o *comico* contemporaneo. Mas, como elle diz, habituou-se a fazer *Farpas*, só pretende fazer *Farpas*.

Falarei do seu *espírito*? É a sua gloria incontestada. Elle negou um dia, nas *Farpas*, que o tivesse: chamou ao espirito uma lesão cerebral, que faz ver os objectos, critical-os fóra das correlações geraes, dum modo imprevisto, desforme e comico. Declarou-se de simples bom senso burguez, jurou que era como toda a gente. Vaidade, grande vaidade! É apenas como elle só. É, no fim, o *espírito*, a *verve*, que darão ás *Farpas* a immortalidade a que ellas possam aspirar: não é a sua philosophia, a sua exegese, a sua esthetica, a sua ethica, que o levarão á gloria: é o seu *espírito*, a sua immensa veia comica. O espirito não é uma lesão cerebral que faz *vêr*

comico: é uma disposição cerebral, que faz *descubrir* o *comico*: que o faz descobrir, atravez das exterioridades convencionaes, e as fórmãs consagradas; achar o *comico* numa má instituição ou num mau costume (maus pela sua ampla existencia, ou maus por se perpetuarem além do momento historico que os justificou), é pôl-os em contradicção com o bom senso, e com o bom gosto, é annular-os. Um acto de *espírito* pôde ser assim um acto de grande justiça social. A palavra *espírito*, ultimamente tem sido amesquinhada; fazem-no significar as sahidas picantes da conversação engraçada, o *bon-mot*, o *laçzi*, a chalaça. Mas elle é uma mais alta entidade: é a critica pelo riso; é o raciocinio pela ironia. Quem são os grandes precursores da Revolução, na literatura? Os grandes escarneckedores: Rabelais, Cervantes, Lesage, Voltaire. De *Gargantua* ao *Casamento de Figaro*, por quem é conduzida a campanha social e revolucionaria? quem desprende a ideia puramente racional dos mythos rhetoricos do paganismo e dos misterios confusos do christianismo? quem vem conduzindo a civilização para a justiça? Os que riem: *Pantagruel*, *D. Quichote*, *Gil Braç*, *Candide*. Por que é Boileau illustre? Pelos lirismos insupportaveis das suas odes? Credo! Pela ironia gauleza do seu *Lutrin*.

O riso é a mais util forma da critica, porque é a mais accessivel á multidão. O riso dirige-se não ao letrado e ao philosopho, mas á massa, ao immenso publico anonimo. É por isso que hoje é tão inutil como irreverente rir das ideias do passado: a multidão não se occupa de *ideias*, occupa-se das *formulas* visiveis, convencionaes das ideias; por exemplo: o povo em Portugal, nas provincias, não é catholico — é *padrista*: que sabe elle da moral do Christianismo? da theologia? do ultramontanismo? Sabe do santo de barro, que tem em casa, e do cura que está na igreja. E as *Farpas* mostram um alto bom senso, argumentando sobre as ideias para os letrados — e rindo das formulas para o publico: e esta parte é de certo a mais brilhante, — ainda que Ramalho faça mais gosto na outra.

O seu *espírito* tem feito grandes serviços; é o seu processo, o seu instrumento, é a sua força. É a mesma medula das *Farpas*: se um dia lho tirar, como nos ameaça ás vezes, ellas perderão a viabilidade, a vitalidade, o movimento, o *arranque*, e morrerão de doença de espinha, sobre almofadas de prosa.

Falei do *arranque* das *Farpas*: é uma das bellas qualidades do seu valor: tem um impeto, um brio, que enthusiasma, como todas as proezas da força racional e disciplinada. Ha artigos que tem um passo de marche-marche, um impulso de vigor alegre para diante, um sopro de conquista, — que o espirito vai-os seguindo a compasso, electrizado, como um rapaz ao lado duma banda marcial. São a expressão da natureza de Ramalho, impulsiva, luctadora, *mouvementée*. Ramalho Ortigão quasi me parece comparavel a um artista da Renascença italiana. Parece-lhe que não? Tem uma certa parecença com aquelles pintores que tomavam na historia os nomes da sua patria, o *Veroneso*, o *Calabrez*, o *Bolonhez*, homens d'acção e d'arte, pintando com fuga, batendo-se com valor, apaixonados dos luxos, das galas, das aventuras, adorando a côr, em revolta contra as instituições. Naturalmente numa cidade constitucional, cheia de bicos de gaz e de policia, não se pôde viver a vida artistica da Renascença; não ha duelos ao luar numa esquina do palacio ducal, nem se suspendem escadas de seda dos balcões das Biancas e das Fiorellas, não. Ramalho é um artista da Renascença dentro da Carta Constitucional; isto é, a vitalidade brilhante recolheu-a dos seus actos ao seu espirito: por dentro é um artista da Renascença; por fóra é um subdito de S. M. Tem, em primeiro lugar, o culto da força phisica e da plastica humana: ama os

valentes, e apesar de o negar, tem preferencias secretas pelos heroes; gosta de todos os jogos de destreza, e é o que lhe inspira aquella admiração devota pela educação phisica dos inglezes; tem o amor do luxo artistico, do *bric-à-brac*, e vê-se bem pelo praser, pela *gourmandise*, com que descreve, sempre que pode, pompas ou architecturas, mobílias ou joias; adora a côr —, em Pintura Fortuny e a sua escôla, em Musica Meeyerbeer e os fortes mestres da instrumentação, e a sua proza escorre de côr, com os tons mais crús, mas fortes dos que tem sonoridade e refração; gosta de toda a explosão de força e adora Balzac pela exuberancia monstruosa do seu genio indisciplinado: se ama a lucta, o combate, a *fronda*, o assalto, — as *Farpas* o mostram; e, em fim, grande traço de semilhança, tem o genio decorativo, e seria feliz se podesse organizar galas e triunfos. O seu programma dum grande *revista rural*, por ocasião da visita do Principe de Galles (Carta a John Bull), é prodigioso e faria honra a um artista florentino, ordenador de festas historicas. É uma pagina suberba, e seria o mais bello espectaculo que podia dar um povo agricula. Primeiro põe «ao norte do grande campo duzentos «carros de trabalho formados em linha, cheios de mulheres e «de moços do campo, puxados pelos grandes bois de jugos ornados de topes vermelhos, com os largos chocalhos...», depois faz desfilar, com pompa, as grandes lavouras do Ribatejo e da Gollegan «com os lavradores na frente, vestidos á portu-gueza, de jaleca e cinta, montando os cavallos d'Alter e de «Castello-Melhor, ajaesados á Marialva, com o xairel de pelle «de cabra, a séla semi-arabe, os estribos de pau...»; em seguida vem os arados, as grades, as charruas puxadas por quatro ou seis juntas de bois, depois a longa e pitoresca procissão de animaes, com os guardadores; em seguida os instrumentos de lavoira; detraz os frutos, desde «as altas piramides de laranjas» até aos «feixes do trigo, do centeio e da cevada»; e emfim, num troféo especial «o odre, o simpathico odre, o «melhor simbolo da abundancia e da riqueza das nossas ter-ras, as terras do azeite e as terras do vinho!» É um programma de genio: vale tanto como as melhores galas dos Medicis, e o homem que o concebeu é um grande portuguez e um grande artista. É por este detalhe que me parece um pintor da Renascença, apesar de ser um cidadão lisboeta: os homens assemelham-se pelo que pensam, não pelo que fazem.

A figura de Ramalho (uma vez que se trata do seu retrato), tem no meio da figura anemica e derreada dos seus contemporaneos o mesmo destaque vivo, que tem o seu espirito entre os espiritos neutros e apagados. Tem a saude, a firmeza, a força, a linha desempenada, a marcha sólida, o movimento agil. Quando chego a Portugal, depois dum anno de Inglaterra — além de tanta, tanta, tanta cousa que estranho — ha uma cousa que me deslumbra, e outra que me desola: deslumbra-me as fachadas caídas, e desola-me a população anemica; que figuras! O andar desengonçado, o olhar morbido e acarneirado, olhares pizados, côres de pelle de galinha, um derreamento de rins, o aspecto d'humores linfaticos, a pas-seata triste duma raça cachetica em curadores d'hospital: e depois um ar de vadiagem *dora-aquí-vou, sim-senhor*, de madracice, olhando em redor com fadiga, o craneo exaustivo, e a unha comprida, para quebrar a cinza do cigarro, *á catita*.

Triste, triste! Dá-me muita melancolia — e a minha consolação é ver duas ou tres sólidas figuras, sobre tudo Ramalho Ortigão. Este sim, é o verdadeiro tipo do homem moderno, sólido á fadiga, alegre ao trabalho, podendo caminhar quinze milhas, trabalhar doze horas, defender-se bem se o atacarem, sem medo á chuva, nem ao inferno, crendo em si, e querendo por si. *A first-rate man! a capital man!*

É uma das mais bellas organizações que eu conheço, tem a força, tem a bondade, tem a alegria. Tem uma alegria

serena, luminosa, o que os inglezes chamam *a cheerful mind*. Nunca o vi dar uma gargalhada; ás vezes dá uma boa e san risada, e raras vezes o vejo sem um sorriso. Educado fora do romantismo, ou antes do romanticismo, não tem o vicio sentimental — da *reverie*, da tristeza morbida, da desconsolação melancolica: é um são — no sangue e na alma. Tem duas adoraveis formas de bondade — aquelle *milk of human kindness* de que fala o poeta, e que era um sentimento tão carateristico de Dickens, o amor dos pequenos, dos simples, dos fracos, dos opprimidos, e tem uma outra forma — a sensibilidade pronta; uma bella obra, uma boa acção, um heroísmo, uma dedicação trazem-lhe logo aos olhos o brilho humido da admiração internectida.

É um homem simples, no fundo: não tem ambições — excepto saber: não tem receios — excepto errar.

É uma das personalidades eminentes do Portugal contemporaneo. Escrevendo a sua lingua — é um mestre incomparavel; satirisando o seu tempo — é um artista completo; vivendo a sua vida — é um homem de bem.

Acabo de reler estas paginas; para que me pediu v., a mim, pobre artista, a biografia intellectual dum homem illustre? Ah! tem o resultado: em lugar duma methodica coordenação de ideias criticas — uma narração de impressões. Que a minha desculpa seja que lhe escrevo esta carta, num sabbado: se v. já viveu em Inglaterra, na provincia, numa cidade industrial tipica, sabe o que é o sabbado: uma immensa multidão brutal, rude, barulhenta, enche estas largas ruas, cruamente allumiadas dos rengues fulgurantes do gaz nas vitrines das lojas: os *bars*, os palacios do alcool, flamejam; os *cabs* rolam, entre as estações, com uma bulha estridente; bebados cambaleam e boxam-se; um pregador da rua, tomado dum ataque religioso, uiva a uma esquina versiculos da Biblia; dos salões de musica saem ganidos de flautins e o estrondo de tações de taxas batendo uma polka animal; uma prostituição insolente impõe-se, reclama salario; garotos esguedelhados, agitando os jornaes, gritam com furor: as traições da Russia; dous enormes policías arrastam uma velha que blasphema, bebeda; pares amorosos passam enlaçados, beijocando-se, sem pudor; magotes de mineiros de cachimbo na boca, seguidos de galgos, falam a aspera lingua de Northumberland; os silvos dos comboios, cortam o ar espesso; uma nevoa humida, amarelada, fétida, gela, impelle ao alcool; e pelas praças, pelos becos, nos pianos dos restaurantes, patriotas exaltados de bebidas, cantam a nova canção guerreira *We dont want to fight, but by Jingo if we do!*..., afirmando ainda num berreiro: «Que os Russos não irão, não, a Constantinopla!»

Num dia — como este — um portuguez só pode aspirar a uma aldeia do Minho ou á paz dum convento; e é desculpavel que tendo de fazer a biographia dum escritor seu amigo, não possa, inteiramente embrutecido, produzir as reflexões sabias que inspira uma obra illustre, e se deixe ir a recordar apenas as impressões luminosas, que lhe deixaram uma convivencia querida.

Sou, com toda a consideração,

De v.
dedicado collega,

Eça de Queiroz.



O PÓLO NORTE

(Conclusão)



OS dois navios foram presos com fortes amarras a enormes *icebergs* immoveis, porque as tempestades do pólo são terríveis. Aqui terminou a viagem marítima. O navio fica servindo apenas de praça forte, onde os navegantes passam o inverno, e á qual recolhem das suas excursões. Durante o trajecto deixam muitas vezes sob *cairns*, ou pirâmides de pedra feitas nos sitios mais eminentes e visíveis da costa, já mantimentos para prevenir o accidente possível da perda do navio, tendo de voltar por terra, já noticias que outras embarcações vem buscar para as conduzir á metropole. Foi assim que o *Pandora* trouxe para a Europa as primeiras noticias da expedição do capitão Nares, deixadas por elle sob um *cairn* nas ilhas Carey. Nestas ilhas deixou tambem um barco e um deposito de provisões.

Desde que os navios estacionam, as explorações só pôdem fazer-se sobre o gelo, a pé, conduzindo a bagagem e mantimentos em trenós puchados por homens ou por cães levados da ilha Disco. É uma verdadeira viagem terrestre.

Os trenós levados por Nares eram de tres especies — uns muito pesados, feitos sómente para estabelecer depositos de provisões, aqui e além, no trajecto que afastava do navio a expedição; outros mais leves, puchados por homens; emfim, outros menos pesados por cães. Estes ultimos, quando o vento era favoravel, armavam-se de uma véla que facilita muito a marcha.

No outomno de 1875 foram organisadas varias expedições com trenós, dentre as quaes a principal era formada por vinte e cinco homens sob o commando do capitão Markham e dos tenentes Parr e May. Partiu a 24 de setembro, e depois de lutar com as maiores difficuldades, voltou ao *Alert* em 14 de outubro.

A temperatura descia constantemente e o tempo piorava. Foi necessario interromper as excursões e fazer os preparativos para a passagem do inverno arctico. A 17 de outubro o sol desapareceu completamente do horisonte para não tornar a ser visto senão no 1.º de março de 1876.

Durante esta longa noute, as auroras boreaes foram infelizmente raras. A equipagem dormia em cabanas cavadas na neve; patinava no enorme *skating-rink* feito em volta do navio, quando o tempo

permitia, e assistia a cursos de leitura, de arithmetica e de navegação, feitos pelos officiaes.

Era necessario que houvesse algumas distracções que ajudassem a passar esta terrivel noute do inverno polar, cheia de perigos, no meio dum isolamento absoluto. Esta expedição foi em tudo a mais completa que estacionou nas regiões polares, até nos meios de conseguir estas distracções.

O capitão Markham organisou sessões de prestidigitación, o tenente Aldrich deu concertos, e juntamente com o doutor Moos crearam o «Theatre-Royal Arctic», que dava as suas récitas ás quintas-feiras, pelo espaço de hora e meia. No 1.º de dezembro inaugurou-se egualmente na *Discovery* o theatro «Alexandra», assim chamado em honra da princesa de Galles. O leitor fará ideia do effeito produzido por um robusto official escossez fazendo o papel duma qualquer lady Clara!

Os officiaes faziam regularmente observações scientificas, por meio dos apparatus que haviam levado. O thermometro de mercurio conservou-se gelado ainda no mez de fevereiro. Funcionava o thermometro d'alcool, no impedimento daquelle. A temperatura chegou a 60º de frio e mais. Fizeram-se observações relativas á humidade do ar, ao acido carbonico nelle contido, ás variações da agulha magnetica; registrou-se o calor da terra e do mar; estudaram-se as admiraveis fórmas cristalinas da neve, fizeram-se observações constantes do pendulo e recolheram-se grandes colleções de historia natural. Emfim registaram-se todas as variações athmosphericas, as quaes são as determinantes provaveis das tempestades.

Os resultados geographicos desta expedição são importantes. Do *Alert* partiram nos fins de março de 1876 duas expedições: uma na direcção do norte, commandada pelo capitão Markham, composta de quatro trenós; outra na direcção de oeste, ás ordens dos tenentes Aldrich e Giffard, composta de dois trenós.

A *Discovery*, organisou outras expedições, com o fim de explorar a costa da Groelandia.

Não se atingiu o pólo, nem isso parece exequivel, segundo Nares, pelos caminhos seguidos (canaes Kennedy e Robeson). Outros resultados, porém, se obtiveram. O tenente Arches reconheceu que o estreito de Lady Franklin é apenas uma bahia terminada por altas terras cubertas de neve. O tenente Beaumonte e o doutor Coppinger exploraram a costa da Groelandia septentrional, avançando até á long. 48º 53'. O tenente Fulford explorou a *fjord* Pettermann, estreita e profunda abertura na costa, a qual termina por uma galeria que se estende de uma a outra margem. Emfim, verificou-se que a terra do Presidente não existe, assim como a

expedição do *Challenger* havia verificado a não existência do continente austral, que o americano Wilks supposera ter descoberto em 1834.

Os exploradores encontraram sempre, em todos os lugares por onde pretenderam escalar a Groelandia, altas falesias inacessíveis, cubertas de neve. Comtudo o paiz parece bom.

As regiões onde invernou o *Alert*, são um deserto gelado, onde se não ouve o canto de uma ave nem o grito de um animal. Encontram-se casualmente algumas lebres brancas e ursos. As ultimas aldeias de Esquimós ficam proximas da bahia de Melville, acima do 75º paralelo, áquem da embocadura do estreito de Smith.

Corrêa Barata.

A CONQUISTA DO YUNNAN

(EPISODIO DA HISTORIA CONTEMPORANEA
DO EXTREMO ORIENTE)



A região septentrional da India transgangetica o solo vai pouco a pouco levantando-se em cordilheiras de pequenos outeiros seguidos de grupos montanhosos de mais importancia, que atingem o seu maximo desenvolvimento numa zona de dous graus em volta do tropico. A temperatura que é excessiva nas planuras da Indo-China e do Annam, ameniza-se singularmente nestas elevações, e a vegetação toma um character especial distincto. Todos os europeus que tem penetrado até ali descrevem com enthusiasmo as feições geograficas dessa região que encerra no magnifico encastelamento das suas montanhas um resumo de todos os climas terrestres, desde o frio dos polos até ao calor abrazador dos tropicos. Nas geleiras desses altissimos cumes nascem os majestosos rios que vão regar as florestas virgens da vasta planicie de alluvião que se estende até ao golfo de Sião e ao mar de Cambodge. O Mei-Kong (pai das aguas), o Mei-Nam (mãe das aguas), precipitam-se em vertiginosas torrentes, desde ignotas alturas, sobre os degraus collossais de schisto e grés, galgando de catadupa em catadupa as ingremes solidões, e juntando o selvagem rugido da cataracta á grave melopea dos sombrios bosques de cedros e pinheiros que vestem as encostas da montanha.

Mais em baixo as turvas aguas espriam-se entre a verde immensidade da vegetação tropical. As elegantes palmeiras, as graciosas *onimoraceas*, as collossais *rapotaceas*, os fetos gigantes, todas as opu-

lencias do reino vegetal engrinaldam os dous grandes rios no seu triunfal caminho, até ao seio materno do casto oceano do archipelago malaio.

É nesse centro montanhoso que domina pelo lado meridional os ricos imperios da Indo-China e pela vertente septentrional as mais fertes provincias do imperio chinez, é nessa fortaleza natural que o mahometanismo invasor estabeleceu o seu posto mais avançado no seu progresso para o oriente. A população dessas montanhas é em geral mais energica do que os povos effeminados pela abundancia dos mais fertes dominios da planicie. O espectáculo constante das grandes scenas da natureza, o arduo trabalho que o sustento da vida aí reclama imperativamente, um clima muito mais tonico, o estímulo da independencia hereditaria; tudo contribuiu para isolar moralmente a população dos montes do Yunnan das nações asiaticas. Parece na verdade que as montanhas tem certa virtude especial para temperar energicamente as almas e para inspirar aos seus habitantes as nobres ideias de dignidade individual e de resistencia á oppessão. O Yunnan na Asia, assim como o centro alpestre na Europa, é uma biblia eloquente onde o homem podia ler a liberdade.

Na região superior, sobranceira ás mais altas aldeias perdidas no limite das florestas, as neves eternas brilham em cumes encastelados que se destacam deslumbrantemente sobre o escuro azul do firmamento; não é dado ao homem pouzar o pé profano nessas immaculadas solidões, os abismos gelados, os precipicios perpendiculares são intransitaveis, a rarefação do ar oppõe-se á existencia animal, e a vida é lá representada unicamente por esse vegetal microscopico que tinge de vermelho vastas extensões de gelo, maravilhando o supersticioso e credulo montanhez. Nas inacessíveis e misterjosas alturas da neve perpetua, a imaginação dos montanhezes collocou a morada dos seus genios benignos ou maleficos. O caçador vê por entre as ultimas cristas que resplandecem ao luar, as gigantes cas apparições dos seus deuses, e prostra-se em adoração perante a grande montanha.

É do alto desses desertos de gelo que os genios protectores da nação velam sobre os seus destinos e ora desviam a avalanche da humilde casinha construida á beira do abismo, ora movidos pela vingança formam subitamente o furacão destruidor. Immediatamente abaixo das neves segue-se uma zona arida onde principia apenas a surgir uma enfezada vejetação; grandes massas nuas de granito rompem o monte da neve e, ao abrigo destes gigantes, alguns arbustos levantam timidamente a sua raquitica ramagem.

(Continúa.)

Pedro Gastão Mesnier.

SIGNALS GRAVADOS EM ROCHAS

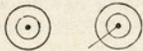


A *Revue Archeologique* de dezembro ultimo, M. Mazard dá conta duma memoria de S. Rivett Carnac ácerca dalguns signaes gravados em rochas, por elle descubertos na India, e muito semelhantes a outros que os archeologos teem encontrado na Europa. Entre estes signaes figuram os circulos concentricos, de que sómente nos occupamos pelas razões que hão de ver-se.

É muito conhecida a opinião de M. Henri Martin sobre o character originariamente celtico destes desenhos. O facto porém d'apparecerem insculpidos em monumentos megalithicos, cuja celticidade é hoje mais que duvidosa, deixou aquella opinião extremamente abalada, e deu margem a hypotheses que esperaram de descobertas superiores a sua confirmação, ou rejeição. Uma dellas, por exemplo, sugerindo que taes figuras, por muito rudimentares, seriam communs a todos os povos na infancia, ficou fóra do debate, mal se mostrou que os chamados homens das cavernas, entre os quaes a gravura havia chegado a um adiantamento notavel, desconheciam completamente esta especie de ornamentação (*M. Mortillet, Revue scientifique, 17 de Março de 1877*).

Adoptaram-na os celtas dos povos que os precederam na Europa?

Os factos, recolhidos na India por S. Carnac, dão indirectamente a esta segunda hypothese uma certa consistencia. Os indigenas informaram-no de que os misteriosos signaes, quasi sempre relacionados, diga-se passagem, com megalithos parecidos aos da Europa, não eram obra dos paes de seus paes, mas dos *goalas*, raça de pastores que na Asia central precedeu os aryas, e de quem se lembram tambem as tradições doutros paizes, taes como o Egypto e a Siberia. Não, obstante isso, um fakir, deante do qual S. Carnac traçou as figuras



decifrou immediatamente: Mahadeo (Mahadeva, Siva? — pergunta M. Mozard), e os *amyns*, encarregados de demarcar o terreno para os templos daquella divindade, não usam doutro signal.

O que resulta destes factos — pondo de parte outras considerações, estranhas ao fim deste escrito — é que para os aryas da Asia os circulos concentricos teem ainda hoje um valor symbolico, um significado religioso. Que o tivessem egualmente para os seus irmãos da Europa é provavel, e, sem

sahirmos de casa, podemos reproduzir uma gravura, que nos parece digna d'estudo, não só pela sua analogia com o signal Mahadeo, mas por estar, a bem dizer, assignada.

Entre os circulos e elipses dobradas, muito triviaes na Citania, encontra-se



Camal póde ser o nome dum deus, ou dum homem. M. Maury (*Croyences et Legendes*) reuniu todas as inscrições que demonstram a existencia do deus celtico Camul ou Camal (Comp. Camulodunum, Camalodunum), e auctorisam os mithographs a identical-o com Marte. De simples mortaes, adoptando este nome espaventoso, só na Gallécia Bracaria ha memorias de mais duma duzia. Citaremos, por alludir ao deus celtico Bormanico (Comp. Belloguet, *Gloss. Gaulois*, 400, 401), uma inscrição de Vizella: MEDAMVS | CAMALI BORMANICO | V. S. L. M.

Na Citania este nome apparece gravado mais de quinze vezes, quer em pedra, quer em barro. Infelizmente as epigraphes são dum laconismo por demais. A mais extensa diz: CORONERI | CAMALI | DOMVS. Em fragmentos de vasos grosseiros, sem que possa confundir-se com a marca do oleiro que os fez, mas devendo tomar-se como a do proprietario para quem foram feitos (Cau-mont, *ABC*, I, 11), o nome de Camal, em monogramma, vem sempre precedido do monogramma Arg. Ás vezes a disposição grafica obrigaría a lêr Airg Camali. Em O'Reilly (*gris-english dict.*) Airg é o genitivo de Arg = *a prince*, e as duas licções não são as mais proprias para desalentar os que se lembrem de ver em Arg um epitheto honorifico celtico, correspondendo até certo ponto ao *arglwydd* dos cambrios (comp. Walter, *Das Alte Walles*, 62).

Seja como fôr, na Citania houve um Camal, homem, que teve um filho Coroners, e uma celebridade que devemos crêr bem merecida. Este nome é innegavelmente celtico. Seria temerario afirmar se o Camal, mencionado a par da gravura citaniense, é o mesmo individuo tão querido dos lapicidas e oleiros da localidade, ou se era uma entidade da cathegoria de Mahadeo. A primeira supposição é a mais plausivel; mas, ainda neste caso, a associação do nome do heroe e do signal dá a este um cunho de consagração incontestavel, e o gravador devia comprehender-lhe o sentido mistico, pelo menos tão bem como o fakir indio comprehende ainda hoje o simbolismo dos do seu paiz.

F. Martins Sarmento.

LUIZA

Venho trazer-te, Luiza,
Regia flôr do floreo Liz,
Tributo que não desdiz
Do preto que simbolisa.

Venho-te aqui ofertar
Com sentimento o mais grato
Um pobre livro, um retrato
E um leque do malabar.

No livro uns «sons», brando harpejo
Do tempo em que eu tinha lira,
«Sons que passam», como expira
A esperança, a crença, o desejo.

Sons fugazes como a essencia
De tanta efémera flôr,
Simbolo de muito amor,
E até de muita existencia.

O retrato é sombra apenas,
Não vê, não ouve, não ri,
Mas pôde olhar para ti
Nas horas das tuas penas.

E recordar-te que alguém,
Longe, talvez esquecido,
Póde escutar-te um gemido
E sentir penas tambem.

O leque oriental, de certo
É só devido ás formosas,
Que fazem lembrar as rosas
E as palmeiras do deserto.

Rosas dos acres perfumes
Do rigoroso matiz,
Palmas, em cuja cerviz
Scintilam misticos lumes.

E tu Luiza, inda mal!
Nas fórmas, no porte inquieto,
És o modelo completo
Duma belleza oriental.

Se um dia te retratares,
Para fundo á tua imagem
Busca a opulenta paisagem
D'ao pé dos calidos mares.

Tenha, no horisonte immenso,
Caravanas e areaes,
Minaretes e rosaes
E tenue vapor d'incenso.

Que eu vejo-a sempre de pé,
Estampada no infinito,
Entre as palmeiras do Egipto
E os jardins de Nazareth.

Tens, no olhar vago e profundo,
Das solidões o misterio;
No riso fugaz, o imperio
Das paixões daquelle mundo.

Tens indolencias suaves,
Que enganam como as do mar,
E distracções de voar...
Como o raio... ou como as aves.

Pódes num ceu de prazer
Criar da vida a ventura,
Mas num'hora d'amargura
Pódes matar e morrer.

Não sentes, vidente ou cega,
Não te diz o coração,
Que ha centelhas de vulcão
No seio da estatua grega?

Que as cômas negras e bellas
Dos teus cabellos pendentes
Pedem diademas fulgentes
De prantos feitos estrellas?

Bem vês, teu rosto não finge,
Serve ou rainha hasde ser,
Que é d'extremos a mulher
Que sabe fallar co'a sfinje.

Por isso eu disse «Inda mal»,
Ao vêr nesse todo bello
O mais completo modelo
Duma belleza oriental.

Thomas Ribeiro.

A UM GRANDE HOMEM

(Á VISTA DUM RETRATO)

Eil-o aqui o heroe facundo!
Distincto, grave, solemne:
Tem na lingua uma bipenne,
Tem na voz o mar profundo.

A falar é sem segundo,
Que o ouvisse um dia o Taine:
Lembra o filho de Climene,
Sustendo aos hombros um mundo.

Ide vel-o na refrega,
Nas luctas do parlamento!
É sol que deslumbra e cega.

Um dia, ouvindo-o em S. Bento,
Disse alguém:— «bravo colega!»
Esse alguém era um jumento.

João Penha.



PORTUGAL NA PENINSULA

(CARTA AO SR. HORACIO FERRARI) (1)

Porto, 10 de novembro de 1877.

Ex.^{mo} Snr.

DEVO começar por lhe agradecer a delicada oferta do seu opusculo. Nas observações que a leitura delle me sugeriu, e que passo a comunicar-lhe, v. ex.^a verá o apreço merecido em que tive o seu trabalho. Vi nelle o pensamento de um homem capaz de profundar a razão das cousas, e as primicias de um escritor forte, sincero e sabedor. Ha muito tempo que dos prelos portuguezes não sáe uma obrinha de tanta originalidade e de tão grande merecimento nesse genero. Com quanto eu o não acompanhe no systema das suas idéas, comquanto me não filie discípulo de Comte nem de Spencer, não é isso motivo para desconhecer o merecimento da sua idéa, nem ella é inseparavel da sua philosophia. Este não é, porém, o lugar para tratar tão vastas materias. Vamos pois á questão da hegemonia de Portugal.

O que sobretudo torna para mim valioso e sympathico o seu escrito, o que me revela o merecimento do seu talento é a idéa, que anima a sua obra, de que uma nação não pôde viver sem um pensamento, um programma, uma missão. Applaudo e muito; e a meu ver Portugal não é propriamente uma nação (achando-se em analogia de condição com a Belgica), por isso mesmo que não tem programma, nem pensamento, nem ambição collectivos e definidos.

V. ex.^a concorda em que não tem e propõe-se dar-lhos. Ora a este respeito consinta que lhe diga que o proprio dessas missões nacionaes, como a da Prussia, do Piemonte ou da Russia, é o sairem espontaneamente da natureza das cousas, é o estarem na alma popular, é o virem da tradição historica, impondo-se de tal fórma como uma fatalidade; pois que tal é o nome que convém ao conjuncto de forças a que é extranha a intervenção actual livre da razão humana, da liberdade,—ou da actividade individual, para que as anteriores expressões não offendam o seu positivismo.

A missão nacional de um povo provém, assim, de causas historicas ou naturaes, e não se legisla nem se decreta, apesar de que excellente fôra em certos casos,—o seu é um desses,—que se podesse legislar ou decretar. Por vezes o pensamento do philosopho, porém, vem revelar e definir o que no espirito nacional era ainda indeterminado; e não ha duvida que esse papel tém na Prussia o grande Frederico e o barão de Stein, entre outros, e no Piemonte aquelles que v. ex.^a conhece mais e melhor do que eu. Não é porém difficil mostrar, e seria ocioso fazel-o para a sua perspicacia e saber, que o pensamento desses homens definia apenas cousas que estavam na natureza e que mais tarde ou mais cedo se haviam de chegar a determinar.

(1) Devemos á amabilidade do sr. Horacio Ferrari a communicação desta carta-apreciação do seu excellente opusculo — *a Hegemonia de Portugal na Peninsula Iberica*—, trabalho original, bem pensado e porisso mesmo acolhido com o silencio, que ordinariamente peza sobre as poucas obras de importancia que entre nós vêem a luz.

Noutra pagina da *Renascença* o sr. Ferrari discute (*As Missões Nacionaes*), algumas das affirmações do sr. Oliveira Martins, cuja carta é publicada nesta revista com a devida venia do seu illustre author.

Redacção.

Dar-se-ha analogia de condições na Peninsula?

Se por um lado v. ex.^a parece ter encontrado na situação respectiva de Portugal e da Hespanha os elementos naturaes necessarios para que nos caiba a missão a que allude, por outro affigura-se-me que dá um excessivo valor á acção que para o caso poderiam vir a ter as medidas legislativas. E considerando a natureza das suas observações sobre as duas nações peninsulares, vê-se que os caracteres sobre que estriba a preferencia dada a Portugal são exteriores e estranhos á questão. A maior riqueza e o socego de uma nação jámais foram elemento conveniente para a collocar á testa de uma amphictyonia. V. ex.^a sabe que a Prussia era e é talvez ainda, a mais pobre, a menos sabia e a mais rude das nações allemans. São exactamente essas as nações capazes de se tornarem uma maquina militar e absorvente. Outro tanto, se não me engano, se pôde dizer do Piemonte, comparado com a Toscana, o Milanez e Napoles.

Mas não é ainda isto o que no fundo me leva a considerar utópica a sua idéa.

A missão de uma nação é alguma cousa intima e organica que está para a collectividade como a força vital para o individuo: nasce com elle, com elle morre. Nenhuma nação jámais teve nem terá duas missões em diferentes epochas. Nós tivemos a nossa que foi maritima e colonial; quando a executámos, morreremos. Hoje não somos nem podemos ser uma nação viva, o que não impede que sejamos um povo quieto e bom, rico, independente mesmo, emquanto os acasos da politica não exigirem o sacrificio da nossa independencia. Olhe para a historia da Prussia e da Russia e diga-me se essas nações que são de hontem, não nasceram logo baptisadas para exercerem a hegemonia entre allemães e slavos. Olhe para o Piemonte e diga-me se desde que se apagaram as esperanças de resurreição do antigo Imperio por via do Papado, desde que guelfos e gibelinos desapareceram da historia, a nova Italia não foi quem deu vida, esperança e força a esse pequeno povo que só desde então se pôde chamar uma nação. Vê na historia portugueza alguma cousa semelhante? Acha nos sentimentos do povo portuguez traços analogos? Eu sinceramente não vejo. Duas vezes na nossa historia a politica propôz a idéa da hegemonia de Portugal na Peninsula e de ambas o povo portuguez a olhou com indifferença. O sentimento adverso, o principio de opposição, é o que parece ao contrario ter sido na historia a alma da nação portugueza. E os sentimentos actuaes della são de tal modo utilitarios e materias que os considero absolutamente incompatíveis com toda e qualquer grande empreza.

Este é o lado moral-historico da questão, e a meu ver o mais profundo e essencial; resta-nos agora encarar a idéa pelo seu lado politico, geographico e social. Saltam á vista as dissemilhaças entre a nossa situação na Peninsula e a da Prussia na Allemanha. Quando a união iberica se effectuar, a sorte de Portugal será decerto a do Piemonte, jámais a da Prussia: seremos absorvidos na unidade peninsular e nunca poderemos impor-lhe a ella a nossa supremacia, como o faz na Allemanha a Prussia, ou a Russia entre os slavos do Oriente. Mas, ainda assim, poderíamos nós representar o papel do Piemonte? Creio que não. A Italia era um feixe de nações, umas caducas, outras microscopicas, outras occupadas pelas tropas austriacas. De todas ellas nenhuma a não ser o Piemonte se podia pôr á testa do movimento da unidade que o era tambem de libertação. Na sua pequenez, o Piemonte era a mais forte das nações italianas.

Como é diversa a situação da peninsula hispanica! Duas nações unicas, das quaes uma conta cinco vezes a

população da outra, dez vezes em numero o do nosso exercito; dez vezes em numero e mais vezes ainda em instrução, disciplina, armamento, etc. Duas nações unicas, das quaes a que aspiraria á hegemonia, anda em busca de um pensamento colectivo, prova de que o não tem; enquanto a outra possue mais do que ninguem na Europa o orgulho nacional.

Consinta v. ex.^a que lhe falle da Hespanha com uma certa autoridade. Vivi ahí alguns annos, atravessei o periodo mais agitado das revoluções e do carlismo, visitei cidades e vivi no campo, em contacto intimo com o povo. Direi a v. ex.^a que nós formamos em geral uma falsa idéa da Hespanha, julgando que as suas revoluções querem dizer dissolução nacional. Não o creia. Em Hespanha é uma excepção encontrar-se um homem que não saiba lér e escrever; em Portugal excepção é o contrario. Em Madrid havia ainda o inverno passado, quando lá estive, 18 salas de conferencias e cursos livres onde se debatiam e tratavam todas as materias. Todos os quartéis são escholas ao mesmo tempo. A agricultura e a divisão da propriedade do Norte da Hespanha são consideradas um modelo; o Sul, Extremadura e Andalusia, são depois da Inglaterra, o primeiro centro mineiro e metalurgico da Europa.

A Hespanha é uma grande nação em toda a extensão da palavra, creia-o, apesar dos pronunciamentos, cujas causas se prendem a traços especiaes do caracter e a condições de modo algum essenciaes ao fomento moral e material. Não seremos decerto nós que lhe iremos dar leis, nem ensinar sciencias, nem iniciar na vida moderna.

Desculpe-me a extensão desta carta. Expondo-lhe com toda a franqueza a minha opinião, creio ter feito o melhor que podia para lhe significar o apreço em que fica tendo o seu talento, o

De v. ex.^a
Muito att.^o v.^o

J. P. de Oliveira Martins.

FLORES DO AR

I

Quando no ceu vos vejo, claridades,
Companheiras celestes dos meus ais,
Sinto não sei que languidas saudades
Doutros tempos passados, immortaes.

E pergunto quem sois? Talvez suspensas
Citaras de marfim d'immenso côro,
Gotas d'orvalho em arvores immensas,
Eternas, velhas lampadas de ouro!

Talvez sejaes as settas encravadas
D'alguem que noutro tempo vos venceu,
Velhas feridas ainda não fechadas,
E cicatrizes lucidas do ceu.

Areias d'ouro d'aridos desertos,
Ou engastados prantos d'infelizes,
—Grandes fructos do Bem nos ceus abertos,
De que em baixo só vemos as raizes!

.....
.....

II

Quem sois? quem sois? ó doces exiladas,
Perdidas, entre os rythmos da afflicção!
Almas, tristes vencidas, desgarradas
D'Aquellas que buscamos tanto em vão!

Quem sois? quem sois? — Talvez no ar perdidas
Notas d'ouro de vaga melodia,
Longos prantos das deusas perseguidas,
Ou anneis dos cabellos de Maria!

Regiões onde, ó mal! tu não penetras,
Grande Biblia d'amor escrita em luz,
Ou eternas talvez doiradas letras
De novos evangelhos de Jesus.

Fantasticos paizes das esperanças,
Talvez urnas de cinzas e illusões...
Astros do ar, agudos como lanças,
—Porque é que nos ferís os corações?!

Gomes Leal.

ITERUM SARA

Deslumbra-me! descerra
O olhar de fulva chamma,
Brilhante como a escama
Dum luminoso arnez.
Surge! apparece! embora
Me queimem os teus raios,
E em languidos desmaios
Me vença a embriaguez.

Se o péplum tu desatas,
A tunica e os adornos,
E esplendem os contornos
Do corpo teu, Phryneia,
Eu beijo o ar, e beijo
O solo que tu pizas,
Marmore que eternizas
Do *femenino* a ideia.

Poiza, descança rindo,
No bronze do meu flanco,
Teu pé divino e branco,
Victoriosa Omphale,
Comtante que me deixes,
Depois num vago enleio,
Desse opalino seio
Adormecer no valle.

Ás vezes — raras vezes! —
Tu dormes a meu lado
O somno immaculado
Das candidas creanças...
Ai, dorme! e nunca saibas
Ó meu gentil verdugo!
Das lagrymas que enxugo
E escondo nessas tranças...

187...

Gonçalves Crespo.

AS MISSÕES NACIONAES



ENTRE as muitas concepções velhas de que está inçada a sciencia social e que tenazmente lhe embarçam o desenvolvimento, ha uma que merece pelo seu extensissimo alcance a mais escrupulosa critica, e desde já deve ser interpretada de modo a não deixar-nos sombra de duvida ácerca da natureza do facto que pretende significar.

É esta concepção a que traduzimos commummente pelas palavras *missão nacional*. Ouve-se com frequencia dizer a *missão da Russia, a missão da França, a missão da Prussia, etc.*, como querendo exprimir-se o facto de serem predestinadas estas nações a influir de certo modo preponderante sobre outras, o que lhes determina e justifica — segundo os que têm este modo de vêr — as suas nacionalidades, a sua vida autonoma. Esta maneira de pensar, natural consequencia das doutrinas de uma philosophia theologica, e da influencia que sobre os espiritos menos actuaes exerce a tradição, é hoje condemnada como absolutamente extranha á verdade, demonstrada e posta em evidencia pelos methodos da philosophia natural, que é a sciencia.

Repetindo o que ha pouco escrevia na sua notavel these de concurso um dos candidatos ao lugar de professor da escola medica de Lisboa, diremos que «para nós não ha um só phenomeno que se dê com um certo fim, nem que seja o fim da existencia de outro. Ha no universo uma causa. Tudo o mais são della consequencias e não fins.» (1) De accordo com este principio examinemos de perto os factos, e vejamos se a intervenção da ideia de finalidade é necessaria para a explicação delles, e se a palavra *missão* tem alguma razão que até certo ponto justifique o seu emprego no caso de que vamos tratar.

As mesmas leis regem por toda a parte a actividade dos seres vivos. Acções do meio sobre o organismo, reacções deste, correspondendo a essas acções, eis no que consiste essa infinita variedade de manifestações vitaes que observamos na materia organizada, desde a confusa massa protoplasmica até á mais transcendental operação do espirito. Seja nos individuos, seja nos povos, a natureza das manifestações vitaes é essencialmente a mesma, e não ha razão que autorise a intervenção de uma causa sobrenatural determinando uma certa ordem de phenomenos e não todos, como no caso que nos occupa se pretende reconhecer.

Do mesmo modo que os individuos, os povos exercem a sua actividade satisfazendo ás suas necessidades exclusivamente, ou ainda ás de outros povos, com quem entretêm relações mais ou menos frequentes. Na sociedade a vida de qualquer homem, por mais obscuro que seja, sempre tem influencia maior ou menor nas condições da vida dos seus semelhantes. Se essa influencia é de natureza a perturbar sensivelmente estas condições, fazendo-as variar para melhor ou peor, é natural que os individuos assim modificados acreditem na superioridade de acção modificadora, e attribuem ao individuo que a exerce qualidades extraordinarias, chegando a crê-lo instrumento de um poder sobrenatural, que outra cousa não queremos dizer, quando fallamos no *destino*, na *fatalidade*, na *providencia*, guiando

(1) *Estudos philosophicos e phisiologicos sobre a vida e algumas das suas manifestações*. Dissertação de concurso, por P. A. Bettencourt Raposo. 1877.

pela mão os grandes homens. Desse estado de consciencia dos individuos cuja existencia foi alterada, resulta um estado mental correlativo no individuo que foi causa perturbadora: nos primeiros a consciencia da sua inferioridade perante uma causa superior leva-os a submeter-se, a evitar a resistencia; no segundo o desaparecimento dessa resistencia diminue as difficuldades do movimento, e determina por assim dizer a trajetoria que este deve seguir, ao mesmo tempo que produz um estado mental antagonico do o primeiro, isto é a consciencia da sua superioridade.

Ora alguns momentos de reflexão ser-nos-hão sufficientes para dissipar a minima ideia de intervenção providencial em phenomenos de sua natureza tão essenciaes do organismo.

Que a actividade de um homem tenha maior ou menor alcance, ella não deixa de decorrer naturalmente das suas condições organicas, e das circunstancias que se dão no meio que o cerca. Reduzindo isto a uma formula concreta, embora um tanto restricta, diremos que a actividade de qualquer homem se reduz, em geral, a satisfação de necessidades, seja de que especie forem. Se estas são de ordem tal que a sua satisfação comprehende a de necessidades sentidas por muitos outros individuos, estes augmentam de bem-estar á custa do que primeiro as satisfaz; se pelo contrario, as necessidades são de natureza a envolver a privação soffrida por outros individuos, o que as satisfaz melhora á custa daquelles o seu bem-estar; se ainda as necessidades interessam apenas ao que as satisfaz, não ha modificação alguma na actividade dos demais individuos, para quem a existencia do primeiro é assim absolutamente indifferente.

Que differença essencial, precisa, bem definida ha nestes tres modos de ser relativos? Ha um criterio seguro que nos guie na determinação dos actos que são providenciaes e dos que o não são? Não pôde o mesmo homem, em diversas phases da sua existencia, passar por aquelles tres modos de actividade, á mercê de circunstancias em grande parte independentes da sua vontade? Emquanto elle satisfaz ás suas necessidades mais restrictas é um homem livre, obscuro, e desde que satisfaz as necessidades de ordem mais elevada já não é livre, já é um instrumento da providencia?! E nessa gradação da importancia dos nossos actos, onde começam os providenciaes, onde terminam os que são livres?

Ha manifestamente na apreciação de taes factos uma radical inconsequencia, que consiste em ter como obra da fatalidade o que é uma simples questão de movimentos combinados, cuja resultante segue, como é natural, a linha de menor resistencia. Se a actividade de um individuo é uma combinação dessa ordem, que admira fazer-se a resultante no sentido em que as resistencias, como acima dissemos, tendem a desaparecer pela consciencia de inferioridade, e a intensidade de acção a augmentar pela consciencia de superioridade? Porque ao passo que as condições externas e internas com relação ao organismo influem no seu estado mental, este reage sobre essas condições e por seu turno as modifica, tanto quanto possivel.

O que acabamos de dizer dos individuos, podemos repetir-o da existencia dos povos.

A actividade de um povo, por mais limitada que elle tenha a sua esphera de acção, influe sempre em maior ou menor grau na actividade dos outros povos com quem está em relações. Quando aquella actividade melhora ou peiora notavelmente as condições da actividade que os outros povos exercem, de modo a preoccupar o espirito nacional, ou melhor, da collectividade, é natural consequencia disto acre-

ditarem os povos subordinados na superioridade de acção do povo que nelles influe, chegando a crê-lo instrumento de um poder sobrenatural, e assim attribuir-lhe um *destino* ou *missão*. Um povo que civilisa outros, que os extermina, ou que os expulsa da região em que habitavam, é um instrumento da providencia, da fatalidade, tinha pela força irresistível do destino traçada essa missão.

Como os individuos, os povos têm a sua consciencia, e sentem a sua inferioridade, que os leva a submeterem-se, diminuindo as resistencias á acção do povo dominador, que assim tem determinada a trajectoria do seu movimento, e a consciencia da sua superioridade. De um e outro lado o estado moral concorre eficazmente para o mesmo resultado, e define cada vez mais claramente as individualidades em presença.

Nada ha aqui de sobrenatural. Quaesquer que sejam os limites a que se estenda a actividade de um povo, ella é sempre um resultado das suas condições organicas, e das circumstancias do meio que esse povo habita. Estreitando mais a analogia que necessariamente existe entre os povos e os individuos, diremos que não ha no viver de um povo outras manifestações que não sejam a satisfação de necessidades, podendo estas envolver ou deixar de envolver as necessidades de outros povos, ou implicar egualmente privações por estes soffridas.

Ha tambem para discriminar estes tres modos de ser um criterio bem fundado? Um povo não pôde ter hoje uma existencia tal que não influa sensivelmente no viver dos outros povos, e, porque depois a existencia destes se modificou, estender até elles a influencia da sua actividade, embora esta continuasse sempre a ser a mesma? Eis, pois, essa influencia superior, providencial, reduzida á dependencia da relação extremamente variavel entre dois termos, de modo a forçar-nos logicamente a admittir que, se a missão de um povo é alguma cousa de sobrenatural, esta qualidade deve possuir tambem o conjuncto de condições que põem os outros povos na situação de tornar possível o cumprimento daquella missão, quer dizer, tão sobrenatural é a actividade de um povo quando influe sobre outros, como quando por elles é influenciado. Realmente para chegarmos a tão estéril conclusão não valia a pena recorrer ao auxilio da providencia, intervindo na existencia das nações!

As palavras *missão nacional* (de *mittere*, enviar) devem significar rigorosamente a *actividade exercida por uma nação, de modo que a sua influencia, estendendo-se além das fronteiras, vae produzir nos outros povos modificações mais ou menos profundas, a ponto de preoccuparem de parte a parte a consciencia nacional.*

Neste sentido ha alguma relação entre a accepção vulgar dos vocabulos *missão* e *missionario*, e o facto daquella influencia superior, que é propagada pelas ideias, pelas transacções do commercio e da industria, e, quando as resistencias o exigem, pelos projectis dos exercitos, que ainda são a *ultima ratio* da civilisação. O que devemos de todo banir da sciencia é a ideia de que a missão de um povo tem alguma cousa de sobrenatural, ou que encerra um plano previamente delineado pela providencia.

Diz-se que qualquer povo só constitue uma nação quando tem missão a cumprir, o que equivale a dizer que um povo só tem vida propria, actividade bem caracterizada, quando influe de um modo preponderante sobre a existencia de outros povos. Isto não é verdade. Os elementos que formam qualquer nação podem ser de natureza a não permitir-lhe uma acção preponderante, e comtudo negare-

mos a essa nação o facto positivo da sua existencia distincta? Porque um individuo não presta relevantes serviços á humanidade, porque limita a sua actividade á satisfação de um numero muito restricto de necessidades, não terá o direito de viver com independencia sufficiente para afirmar a sua individualidade? É certo que uma tal vida é obscura, quasi inutil, mas, não obstante, revela de modo a não deixar-nos duvidas, que nella se dão as condições organicas, que constituem um ser bem definido. É este o caso da Belgica, da Suissa, de Portugal, da propria Hespanha, apesar dos seus quinze ou deseseis milhões de habitantes.

O que é verdade incontestavel é que um povo define tanto melhor a sua nacionalidade quanto mais extensa ou intensa é a influencia que exerce além das fronteiras, como um homem que se torna tanto mais conhecido e distincto, quanto mais influe na existencia dos seus concidadãos, quanto mais dilatada é a esphera da sua actividade social.

Outro erro proveniente da falsa ideia que vulgarmente se faz das missões dos povos, é o de suppôr que uma nação não existe senão para cumprir uma missão; conseguido este fim a nação deve fatalmente desaparecer.

Depois do que dissemos, uma tal concepção é absolutamente inadmissivel. Pôde uma nação influenciar ou ser influenciada nas suas relações com outras, conforme o estado de civilisações respectivas, cuja relação varia constantemente, por effeito de circumstancias muito voluveis e accidentaes.

Entre nós, por exemplo, nos primeiros seculos da monarchia podiamos dizer que a nossa missão era expulsar os mouros do occidente da península; mais tarde tivemos a missão dos descobrimentos, da conquista e civilisação das raças inferiores que encontrámos, e ainda a da propagação da fé catholica. Eis um bom numero de missões, perfeitamente distinctas, para um só povo tão pequeno, e num periodo, relativamente tão curto, de quatrocentos annos. Dizer-se que a nossa verdadeira missão, a unica para que fomos destinados, foi maritima e colonial, e que devemos morrer, porque a nossa evolução terminou como povo independente, é pôr de parte as lições da historia, da sociologia, e não entrevêr no futuro de Portugal a grandiosa missão, que o seu tino e os desvarios da Hespanha em desagregação, começam a estabelecer com um caracter bem definido.

Lisboa.—Fevereiro de 1878.

Horacio Ferrari.

O QUE EU VI

Sahi um dia a contemplar o mundo,
Por vêr quanto ha de bello e quanto brilha
Nessa esplendida e eterna maravilha
Que anda suspensa no azul profundo;

Vi montes, valles, arvores e flôres,
Limpidas aguas, mûrmuras torrentes,
Do grande mar as musicas plangentes,
Dos ceus sem fim os tremulos fulgores;

Trouxe os olhos tão ricos de belleza,
O coração tão cheio de harmonia,
De quanto vira em terra, mar e ceus,

Que interpretando a sós a Natureza,
Dentro de mim esplendido fulgia,
Num circulo de Luz, teu nome, ó Deus!

Manuel d'Arriaga.

SOBRE ALGUNS PONTOS

DE

HISTORIA DA ARTE NACIONAL

(CARTA AO EX.^{MO} SR. DR. AUGUSTO FILIPE SIMÕES)Ex.^{MO} sr.

VOSSA excellencia fez-me a honra de examinar o meu trabalho (Vide o *Instituto*, de fevereiro de 1878) sobre historia da arte. (1) Seria ingrato se não começasse por agradecer uma analyse que eu não encontraria talvez em mais ninguem, porque eu não tenho illuções sobre o interesse que o publico e a critica (que costuma informar o publico do que apparece no mercado) possa ter nos meus trabalhos de reconstrução historica. Reconhecendo em v. ex.^a estudo nestas questões de historia da arte e boa fé nesse estudo não se pode attribuir esta minha carta a sentimento reservado, nem ninguem poderá achar nella outra significação que não seja a de uma controversia puramente scientifica.

O assumpto que eu discuti no fasciculo iv da *Archeologia artistica* resume-se no seguinte:

— *Fixar o itinerario das emigrações artisticas, directas e indirectas* (de pessoas e de obras) *para a peninsula* nos seculos xv e xvi.

Esta proposição envolve duas questões:

- a) Explicar a razão que determinou a emigração indirecta.
- b) Indicar o modo como se estabeleceu a mediação na emigração indirecta. (2)

A questão da *influencia* com relação a Dürer foi tocada por mim accidentalmente; a influencia dos representantes da arte ou das suas obras importadas entra só em *segunda linha*; o que é essencial é demonstrar a emigração directa e indirecta. Era esse o meu principal proposito. V. ex.^a tomou um episodio, uma consequencia da questão, pela questão mesma.

Se eu houvesse de expôr a minha theoria das *influencias* teria de encher um outro fasciculo, fundado num exame comparativo das obras. Não sei pois com que razão v. ex.^a diz no começo da sua analyse que eu escolhi desta vez para objecto dos meus estudos: *um ponto particular de historia da pintura*. O prologo fala claro. Eu discuti uma these com uma serie de pontos.

(1) *Archeologia artistica*, fasc. iv. Albrecht Dürer e a sua influencia na peninsula. Porto, 1877. 4.º de xx-170 pag.

(2) Isto está claramente formulado no Prologo, pag. xiii-xvii.

Pouco depois accrescenta v. ex.^a: «Do exame de tantas fontes colheu o auctor abundante messe de factos, uns dos quaes confirmam, outros modificam as *opiniões correntes* em Portugal acerca de um assumpto, não tanto ignorado entre nós, como se afigura ao sr. Vasconcellos.» (1)

Eu agradeceria a v. ex.^a o favor de me indicar quaes são essas *opiniões correntes* sobre as duas questões fundamentaes que indiquei atraz e que estão accentuadas com a mesma clareza no prologo do fasciculo de pag. xiii a xvii e discutidas no corpo da obra.

Não sei de ninguem que formulasse e demonstrasse essas questões, mas estou prompto a confessar a ignorancia, se a houve. Direi mais: Não sei de ninguem que depois de Raczyński indicasse, nem ao de leve, a influencia que as artes de reproducção estrangeiras, principalmente a *gravura*, (dentro e fóra do livro impresso) exerceram sobre a arte nacional. Como terei de tratar esta questão secundaria — que é uma das numerosas ramificações das duas questões fundamentaes que formulei — muito em breve mais desenvolvidamente, agradecerei a v. ex.^a ou a qualquer outra pessoa uma noticia que seja, sobre as fontes literarias e nacionais.

É fóra de duvida que se sabia das relações da côrte de Portugal com a côrte de Borgonha no seculo xv e xvi, das relações politicas. Mas que significa um ou outro facto isolado sobre as relações artisticas (p. ex. a vinda de Jehan Van-Eyck a Portugal) em face de uma historia bi-secular? Quem sabia dos annaes intimos dessa historia? Quem sabia que a existencia da *Feitoria de Portugal* em Londres era a chave, o segredo dessas relações, a chave unica para a historia das relações artisticas em Portugal com os paizes de Flandres e de Brabante? Quem fez essa historia, impossivel sem a historia da feitoria? Quem fixou o *Itinerario* (2) *das emigrações artisticas* planeadas, promovidas e dirigidas pela feitoria? Ideias vagas, factos dispersos nunca resolveram, per si só, um unico problema.

Deixo porém as duas questões principaes para

(1) V. ex.^a allude por certo á seguinte passagem do Prologo: «Por qualquer lado que se estude a Historia de Portugal nos seculos xv e xvi, será necessario o conhecimento seguro das relações internacionaes; no que diz respeito á Historia da Arte, esse conhecimento é condição *sine qua non*. Isto ainda não foi comprehendido até hoje; os auctores que se tem occupado com estudos d'arte entre nós, inclusivè o Conde de Raczyński, não seguiram o methodo indicado, aliás teriam partido da ideia: que a Historia da Arte em Portugal está ligada, nos seculos xv e xvi, á Historia da Feitoria de Flandres, e que mesmo os factos artisticos anteriores, dos seculos xiii e xiv, estão em relação mais ou menos intima e em parallelo com o nosso trafico commercial das mesmas eras. Só deste modo se chegará a determinar a *Historia das emigrações artisticas para a peninsula*, da qual apontamos hoje algumas das phases mais importantes (pag. xv.)

(2) Claramente indicado a pag. xv e xvi do Prologo.

examinar a questão accidental, que é aquella em que v. ex.^a fez reparo.

Diz v. ex.^a, em summa, que eu *juro* (sic) nas palavras de Raczyński; nada menos exacto. Não escrevi eu muito claramente que R. não resolvera as questões que tratou, porque não encontrara a chave dellas; que construiu hypotheses sobre certas e determinadas influencias artisticas sem ter a *base historica* dellas? (1)

Não provei eu isso?

Como podia eu *jurar* nas palavras de um escritor cujas hypotheses eu desarmeie desse modo?

Eu entendo que os trabalhos de Raczyński citados ás cégas, como ainda hoje se faz entre nós, só podem fazer mal, e que tendo-se exagerado o merecimento dos seus trabalhos — por não ter apparecido entre nós quem os soubesse criticar, quem separasse o joio do trigo — é necessario que a critica nacional tire, finalmente, passados 32 annos, as legitimas conclusões de um trabalho que é uma das obras mais ferteis em contradicções — mais perigosas para um publico ignorante — que se escreveram sobre cousas de Portugal. Ninguem pode ver nisto uma censura injusta, pois poucas pessoas haverá em Portugal que tenham lido duas vezes os dois volumes de Raczyński, linha a linha, e poucos respeitam os seus esforços e a sua memoria como nós.

Démos provas disso. (2)

É preciso porém acabar com o *mitho* Raczyński que tem feito grandes estragos entre nós, como muitos outros mithos nacionaes. O mais curioso é que R. foi quem contribuiu menos para que o fizessem *mitho*. (3)

Poucos escritores temos conhecido que possam hombrar em modestia, em intelligencia e em saber com o falecido conde; mas a critica tem de ser imparcial e de fallar sem rodeios.

Já fallou em 1849:

«Mr. Raczyński nous fait assister candidement à ses hesitations, à ses incertitudes. C'est un peu long, et tant de redites ont le tort de grossir le volume, et le tort plus grave d'étouffer les renseignements originaux que l'auteur doit au vicomte de Juromenha et à M. Berardo, hommes instruits, qui semblent disposés à entreprendre des études

(1) Veja-se a nota 3 supra.

(2) O unico portuguez que dedicou ao fallecido conde duas linhas de gratidão fui eu. Vide *Conde de Raczyński*. Esboço biographico. Porto, 1875, 4.º, de 54 pag. Não entrou no commercio.

(3) Quando dizemos *mitho* alludimos ás hypotheses muitas vezes phantasticas e contradictorias da obra, porque a parte documental, a *base historica* em que assenta, é trabalho de portuguezes, dos srs. Visconde de Juromenha, de Herculano, de Balsemão, do sr. Rivara, etc. O primeiro disse-nos ha dois annos em Lisboa que fornecera ao Conde perto de mil documentos, o que Raczyński reconheceu sem rodeios: «Sans son aide je ne serais jamais venu à bout de cette entreprise.» (*Dictionnaire*, pag. 169.)

«sérieuses dans les archives. Nous sera-t-il donné «enfin d'entrer plus avant dans le mystère de ces «origines des arts en Portugal? A M. Raczyński revient le mérite d'avoir soulevé un coin du voile; «il l'a fait d'une main légère, avec un esprit quelque «peu fantasque et distrait; confions maintenant l'«achèvement de l'entreprise à des caractères sérieux, «méthodiques et précis.»

Comte de Laborde. — *Les Ducs de Bourgogne*. Paris, 1849, vol. 1, pag. cxxvii e cxxviii da Introd.

E mais adiante, pag. cxxxiv:

«Faisons des vœux pour qu'un connaisseur, qui «serait en même temps un archéologue érudit, parcourt l'Espagne et le Portugal dans l'unique but «de fouiller leurs archives et de déterminer, par les «monuments, le caractère de l'art, au quinzième «siècle, dans la Péninsule. Il est honteux pour «tout le monde d'être obligé d'avouer que ce champ «d'études est complètement vierge.»

Este paragrapho leva a seguinte nota:

«Pour déterminer ce caractère, il ne suffit pas «d'avoir le goût des arts, il faut encore avoir fait «une étude spéciale de l'école des Pays-Bas, comparée aux écoles contemporaines; étude délicate, «minutieuse, et qui, au point où nous sommes arrivés, exige une attention exclusive et une critique «compliquée de la comparaison de toutes les peintures conservées, avec l'étude de tous les documents historiques. M. Raczyński, malgré sa bonne «volonté et son zèle si louable, n'était pas à la hauteur de ce programme. Au milieu de mille et un «tableaux portant tous le caractère de l'école des «Pays-Bas, il hésite entre les attributions les plus «opposées, il déclare qu'Holbein n'a rien de commun avec l'école flamande, et il se perd dans les «influences germaniques, anglaises et arabes qui «n'ont rien à faire dans tout cela.»

Como se vê, a critica estrangeira tinha já julgado Raczyński em 1849, tres annos depois da sua primeira obra (*Les Arts*, 1846) e dois annos depois da segunda (*Dictionnaire*, 1847.) Tinha falado para todos, menos para nós. Direi a v. ex.^a que concordo, em geral, com o juizo de Laborde; ha oito annos que o conheço e ha oito annos que não *juro* nas palavras de Raczyński. Laborde, que trabalhou principalmente nos arquivos (1) tinha razão e direito para criticar com severidade. Entretanto, é mister não calar as declarações repetidas de R., que disse francamente que fazia apenas uma tentativa — a primeira entre nós. — De facto, o seu trabalho é um *reconhecimento geral* feito com boa fé, com coragem e com dedicacão. O erro capital de

(1) O Conde de Laborde desenterrou dos arquivos de Flandres milhares de documentos sobre a historia da arte em Flandres e Brabante. Os seus *Ducs de Bourgogne*, 3 vol., contém p. ex. 7:434 doc.

Raczynski consiste em tirar as conclusões *à fur et mesure* que os mineiros nacionaes lhe fornecem a materia prima, em lugar de esperar até ao fim e utilizar methodicamente esses trabalhos de primeira origem. Como os documentos procedem de varias épocas, de varias mãos, de varios paizes e não concordam a maior parte das vezes, R., que junta logo ao documento o seu commentario, retira hoje o que disse hontem para trocar a opinião nova com a opinião de amanha. Elle tinha indirectamente a consciencia de tudo isto, e confessa em quasi todas as paginas que andava sondando e construindo a olho com materiaes desiguaes e informes. V. ex.^a sabe isto tão bem como eu, e comtudo acreditar-me-ha, se eu disser que a memoria de R. será sempre para mim um culto, porque elle deu-nos um alto exemplo. Ainda não tivemos a coragem de o seguir.

Agora que disse a v. ex.^a o que penso dos trabalhos de R., e que disse por que é que não podia jurar por elles, vou-lhe provar que, de facto, *não jurei*, e que v. ex.^a se illude.

Em 1800 affirmou Cean Bermudez (1) que o pintor hespanhol Fernando Gallegos fôra discipulo de Dürer. Raczynski repetiu o erro em 1846.

Eu demonstrei com Crowe & Cavalcaselle que ambos: Bermudez e R. tinham errado e que o segundo repetira o primeiro, sem saber o que dizia. Isto está escrito por mim na nota 2 da pag. 58 do fasc. iv.

Se eu tirei a Dürer com o auxilio de Crowe & Cavalcaselle o seu *unico discipulo* na peninsula, o *unico discipulo* que R. descobriu em segunda mão, como é que *juro* nas palavras de Raczynski? Se eu quizesse reduzir os quadros da chamada *escóla nacional* á influencia *quasi exclusiva* de Dürer (peccado-de que v. ex.^a me accusa), devia primeiro que tudo occultar a opinião de Crowe & Cavalcaselle, de dois escritores de primeira ordem, que restituiram Gallegos á influencia da escóla de Brabante (Roger Van der Weyden).

O que eu afirmei e provei é que as artes de reproducção (principalmente a *gravura*) tiveram grande influencia sobre os nossos artistas e acompanhei essa influencia até nossos dias (2). Disse que a influencia de Dürer por meio das suas gravuras foi notavel na peninsula; em face da demonstração dessa influencia que abrange toda a Europa e cujos topicos estão claramente indicados no meu trabalho — não ha argumento que valha em contrario. V. ex.^a concede que:

«Ninguém pode recusar-se a admitir a influencia geral de Dürer sobre os nossos pintores qui-

nhentistas. Em Portugal dominava o estilo flamengo, e é com os quadros deste estilo que os de Alberto Dürer tem grande analogia. A sua influencia por tanto repugnaria menos que as dos grandes mestres italianos. Mas pretender que fosse quasi exclusiva a influencia de Dürer a ponto de tornal-a caracteristica dos mais notaveis dos quadros portugueses do seculo xvi é uma opinião exagerada que se não demonstra.»

Abstrahindo da sua opinião sobre a grande *analogia* dos quadros de Dürer com o estilo flamengo, que eu julgo um erro (1), não posso acceitar como ideia minha aquillo que v. ex.^a leu entre linhas.

Eu não fallei em parte alguma de *influencia quasi exclusiva* de Dürer; v. ex.^a não pôde apontar essas palavras no meu trabalho.

Eu disse:

«O commercio de objectos de arte que se fazia então (1520-1521) em Flandres, em Antuerpia principalmente (e antes em Bruges) era notabilissimo. Dürer dá-nos disso testemunho no seu proprio *Tagebuch*. As obras dos artistas mais notaveis de todas as escholas andavam então pelas mãos dos bons amadores. As celebres miniaturas de Gerhard Horebout (aliás Gerard de Guant-Gand); as paisagens de Joachim de Patenier; as gravuras em cobre de Lucas de Leyden, de Jacopo de' Barbari, de Marcanton Raimondi; as de madeira de Hans Baldung Grün, de Schüffelein; os bellos quadros de Van Orley, Jan Gossaert, Schongauer, Israel van Meckenem, e as producções de um grande numero de outros artistas de maior ou menor nota promoviam e alimentavam o gosto pelas boas obras d'arte. Antuerpia era o bazar artistico de Portugal; temos dados para o afirmar, assim como para documentar uma exportação notavel de obras de arte daquella cidade para Portugal. É pois notavel que, além das obras de Dürer, viessem a este paiz, pela mesma via, os trabalhos dos outros artistas flamengos e allemães, que deixámos mencionados.»

Isto foi escrito por mim a pag. 41, 42 e 43. Se eu admitia, como v. ex.^a imaginou, a *influencia quasi exclusiva* de Dürer, que razão tinha para forjar as armas que hiam destruir a minha afirmação? Só com essa passagem estou eu completamente defendido.

As indicações de Raczynski sobre a existencia

(1) O desenvolvimento de Dürer marca-se com tres nomes: Mantegna, Jacopo de' Barbari, Bellini, que são os de tres italianos. As escholas da Franconia, cujo chefe é Dürer (Nürnberg) e da Suabia, intermedias entre as escholas allemans de Colonia e de Praga, teem tanto que vêr com as escholas de Flandres e de Brabante, como estas com aquellas, isto é: pouco mais que nada. Essa *analogia* era o ponto de vista de Vasari (seculo xvi). De resto, no tempo de Dürer (1472-1528) já as escholas de Flandres e de Brabante não eram mais que um reflexo das escholas d'Italia. Com o romper do seculo xvi já as escholas de Flandres e de Brabante tinham renegado o caracter nacional; a imitação dos italianos era geral (Crowe & Cavalcaselle, pag. 407).

(1) As citações minuciosas relativas aos autores citados neste paragrafo acham-se no fasc. iv a pag. 58.

(2) Vide pag. 55, nota 1, pag. 61 no texto e em baixo n. 3, etc.

de obras de Dürer em Portugal foram transcritas por mim como opinião individual do autor, sem uma palavra de commentario, porque não conhecendo as obras d'arte a que o conde se refere não pudémos contraprovar a afirmação delle.

«Parece-me que Vasco Fernandez, isolado na sua cidade natal de Vizeu, se conservou alheio ao movimento artistico da sua época, e que não teve outros mestres, a não ser as gravuras *allemans e flamengas* que, durante os reinados de D. Manuel e D. João III (época que esteve sujeita quasi exclusivamente ao movimento artistico de Flandres, e da Allemanha), auxiliaram ou propagaram a arte dos dois paizes de um modo notavel, em Portugal» (*Dictionnaire*, pag. 96).

A hypothese de R. era a influencia de gravuras *allemans* e — note-se bem este *e* — *flamengas em geral* sobre a arte de Vasco Fernandez, e não a influencia de um certo e determinado artista i, é: de Dürer sobre o mesmo Vasco. Ainda assim restituída, não acceto a hypothese com relação a um certo artista, a Vasco, porque repito que não costumo accetar aquillo que não posso verificar. Essa era a opinião de Raczyński em 1847 (*Diction.*), que elle havia trocado pela opinião de 1846 (*Les Arts*, pag. 367):

«Os quadros de Grão-Vasco não pertencem á influencia italiana, como eu o suppunha, mas decididamente á de Albert Dürer.»

Eu citei a opinião de 1847 a pag. 56; a de 1846 a pag. 59, em ambos os casos *sem uma palavra de commentario*, porque se a tivesse de escrever seria apenas para fazer notar como R. attribuiu, com differença de um anno apenas, influencias oppostas, primeiro: sobre um artista que em 1846 era um *mitho* e, no segundo caso, sobre um outro artista que em 1847 tambem era pouco mais que um *mitho*.

Já vê v. ex.^a que só um cego é que podia *juar* sobre semelhante testemunho.

Nem R. disse o que v. ex.^a envolve no seu paragrapho: «Ninguém póde etc. (v. retro), nem elle fallou de influencia *quasi exclusiva de Dürer a ponto de tornal-a caracteristica dos mais notaveis dos quadros portuguezes do seculo xvi* (palavras de v. ex.^a) nem eu podia, conhecendo os lados fracos de R. ha oito annos, approvar o dito, se o conde se arriscasse a tanto. Elle fallou, repito, de gravuras *allemans e flamengas*, em geral, e não de gravuras de Dürer *quasi exclusivamente*. Eu fico ainda mais prejudicado com a supposição gratuita de v. ex.^a, pois eu não só admiti como R. gravuras *allemans e flamengas* (com a differença que não alludi a nenhum Grão Vasco ou Vasco Fernandez deste mundo), mas na dita passagem citei gravuras e qua-

dros de *seis* artistas de Flandres e de Brabante, *dois* de Italia e *tres* apenas de Allemanha, como sendo aquelles cujas obras eram mais estimadas em An-tuerpia—o *baçar artistico de Portugal* (pag. 43 do fasc. iv).

V. ex.^a, vendo as duas citações de R. no meu volume, não reparou nas datas que ellas teem e imaginou que as duas passagens, que vou citar, se referiam a essas opiniões (contradictorias) de 1846 e 1847.

Eu disse a pag. 58:

«Aquillo que o Conde avançava com uma hypothese adquire o caracter de facto historico, em vista destas nossas revelações.»

Disse depois a pag. 64:

«Temos nós a honra de ligar estes apontamentos ao trabalho do Conde e de dar o caracter de *facto* áquillo que era para elle mera hypothese.»

V. ex.^a faz destas duas citações, que são as unicas, o seguinte:

Na opinião do auctor «em vista das suas revelações (relativas á feitoria), a hypothese do Conde adquire o caracter de facto historico.»

Desculpe-me v. ex.^a, mas as citações entre aspas fazem-se sempre com as proprias palavras do auctor; em segundo lugar o parenthesis — relativas á feitoria — é uma interpretação errada, arbitraria.

Estou longe de pôr em duvida a mais leve falta de boa fé da parte de v. ex.^a, mas, nem a interpretação é minha, nem a opinião que v. ex.^a attribue ao Conde foi confirmada por elle em 1847; foi até refutada por elle, como vimos.

O que é que o Conde avançava como uma hypothese, em ultima instancia, em 1847? A influencia de gravuras *allemans e flamengas* sobre a eschola de Grão-Vasco.

É isto o que admitimos, e só isto. Atrevo-me a proval-o, em publico (1).

Como é que eu tenho a honra de ligar os meus apontamentos do fasciculo iv ao trabalho do Conde?

Demonstrando que a influencia das artes de re-produccão é um *facto* para mim, de *hypothese* que era para o Conde. Elle não sabia nada das relações da feitoria e eu não disse que a feitoria importava *quasi exclusivamente* obras de Dürer; apontei no mercado a existencia de obras flamengas, brabanti-

(1) V. ex.^a diz: «Para demonstrar uma grande influencia de Alberto Dürer nos quadros de Grão-Vasco, e, por ventura noutras pinturas portuguezas do seculo xvi, não ha senão um methodo racional. Convém a saber: examinar os quadros de Dürer; examinar os quadros portuguezes do seculo xvi; comparar os primeiros aos segundos e notar as semilhanças, se as houver. Ora o sr. Vasconcellos não viu os quadros de Vizeu.»

Não os vi, é verdade, mas vi os mais importantes de Dürer, as suas gravuras originaes, os seus desenhos, mais de uma vez; e para a comparação escusava de ir a Vizeu, bastava ir ao Museu da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, onde estão duas salas cheias de quadros da *soi-disant* escola nacional de Grão-Vasco.

nas, italianas e allemans. V. ex.^a hade conceder-me o direito de interpretar as minhas palavras e de as pesar, uma a uma, porque uma particula mesmo de cinco letras, um *quasi*, ou uma de quatorze, um *exclusivamente* pôde desfigurar tudo.

Depois de v. ex.^a me ter attribuido o *quasi exclusivamente*, com relação a Dürer metendo depois o parenthesis—relativas á feitoria—, tira em conclusão com plausibilidade apparente, que as revelações que fiz para dar á *hypothese* do Conde o character de *facto* são as que se referem a Dürer, ergo: que o *quasi exclusivamente* se refere a Dürer.

Eis o seu engano desfeito. Resumindo, direi:

1.^o Que em parte alguma escrevi esse *quasi exclusivamente*, com relação a Dürer.

2.^o Que R. se desdisse em 1847 da allusão restricta a Dürer, feita em 1846, e que affirmou apenas a influencia de gravuras allemans e *flamengas* em geral sobre a eschola de Grão-Vasco.

3.^o Que v. ex.^a não entendendo a minha affirmação e a rectificação de R. a si proprio, interpretou a minha allusão ás duas passagens do Conde como uma adhesão a ellas, quando eu não tive semelhante ideia, quando eu em todo o capitulo sobre Dürer alludo apenas á influencia da gravura, dessa arte de reproducção. O estudo da relação dessa arte com a arte dos nossos pintores em geral, é a *these* do capitulo, indicada logo na sexta linha do mesmo capitulo, pag. 56.

Eu nunca tive ideia de fazer a demonstração da influencia deste ou daquelle gravador num qualquer quadro de autor portuguez, porque se quizesse chegar a « conclusões geraes, tiradas de factos particulâres », o que eu condemno tambem, soccorri-me a uma *demonstração real, technica*, como a aprendi a fazer nos livros e nos museus allemães, demonstração de que eu dou mais de um exemplo a pag. 80 e seguintes, como v. ex.^a notou na sua analyse, com justiça.

Se falei mais desenvolvidamente da importação de gravuras de Dürer, é porque não tinha lugar nem tempo para falar com a mesma minudencia das gravuras dos outros artistas allemães, italianos e flamengos que citei atraz. Fica isso para outra occasião, que não tardará muito. Entretanto para provar já a v. ex.^a que eu não pretendo subtrahir os pintores nacionaes do seculo XVI á influencia das escolas de Flandres e de Brabante, para substituir a ella a influencia *quasi exclusiva* de Dürer tenho a honra de lhe apresentar alguns artistas portuguezes, desconhecidos entre nós, que estiveram estudando em Flandres com os primeiros mestres desde 1504, época em que Dürer não tinha ainda posto os pés na Feitoria de Portugal. São elles:

Eduwart Portugaloy, discipulo de Quinten Mas-

ys em 1504, proclamado *wrymeester* (mestre de officio) da confraria de S. Lucas de Antuerpia em 1508 (1).

Symon Portugaloy, discipulo de Goosen (Goswin) vander Weyen em 1504 (2).

Affonso Castro, discipulo do mesmo mestre em 1522 (3).

A influencia de mestres como Massys e Weyen (ou Weyden) (4) havia de manifestar-se clara e profundamente sobre os pintores portuguezes e a circumstancia do pintor Eduardo passar em quatro annos a mestre da confraria de S. Lucas, prova que soube aproveitar bem as lições do illustre pintor flamengo.

Podia augmentar esta lista se quizesse ultrapassar o anno de 1520, data da viagem de Dürer aos Paizes-Baixos (5).

Eu deixei a questão Grão-Vasco, muito de proposito em paz, porque não accetando nem as seis ou sete hypotheses successivas de R. e admitindo só uma pequena parte das conclusões de Robinson, tinha de gastar um fasciculo, para dizer o que acceto e o que rejeito em ambos os autores.

O problema no qual trabalhámos, foi a *Historia das emigrações artisticas*. A questão Dürer é apenas um episodio; a questão da influencia das escolas de Flandres e de Brabante é outro e ha muitos mais episodios, mais capitulos dessa *Historia*. A questão de Vizeu vem de longe, de muito longe; e nós temos de o reconhecer, de o demonstrar, a menos que queiramos contentar-nos com *mithos*. Os mithos são bons para um patriotismo cego, e v. ex.^a sabe que a cegueira em assumptos de arte é completa entre nós, graças a esse mesmo patriotismo, que se deveria definir *preguiça de ideias*. Essa preguiça leva a maioria a citar Raczynski a torto e a direito. Tenho empenho em accentuar um protesto contra a cegueira dos citadores, protesto que justifico do seguinte modo: tenho trabalhos proprios; bons ou maus, tenho-os e procuro honrar a memoria de Raczynski, discutindo-o

(1) Rombouts & Van Lerijs: *De Liggeren en andere historische archieven der antwerpsche sint Lucasgilde*. Antwerpen, 1872-1876, vol. 1-60 e 69.

(2) *Op. cit.*, vol. 1, pag. 60. Se se confirma a opinião de Harzen (*Archiv für die zeichnenden Künste*, 1858, pag. 3) que primeiro que ninguem separou este Symon Portugaloy do Simon Benic, Beninc ou Bering, como sendo duas entidades distinctas e collocou o portuguez na lista dos discipulos de Horebout, um dos illustres miniadores do *Breviario Grimani*, poderá Portugal gloriar-se de ter produzido um dos mais celebres talentos na arte da illuminura e reivindicar a preciosa obra d'arte do *Museu britannico* (n.^o 12:531 *Portuguese drawings*) como trabalho nacional. (Vide sobre o caso a nossa nota no fasc. IV, pag. 133).

(3) *De Liggeren* etc., vol. 1-100. Foi condiscipulo de Castro: Willeken in den Ahren, *ibid.*

(4) Segundo Laborde, *op. cit.*, 1-LXXXI, filho de Roger; segundo Crowe & Cavalcaselle, *op. cit.*, pag. 271 (mais provavelmente) neto.

(5) Citarei por exemplo um Hanneken (João) Velasco, discipulo de Jacob Spueribol em 1540; (*De Liggeren*, 1-139). Pedro de Castro, discipulo de Jan Soezewint em 1559. (*Ibid.*, 1-216) provavelmente portuguezes e outros.

sem rancor nem má fé, isto é: sem *patriotica cegueira*, que é exactamente o que o falecido Conde desejava que os *criticos* portuguezes houvessem feito. (1)

Vou concluir. O que pretendo com esta resposta é demonstrar que v. ex.^a não distinguio bem qual o problema principal e qual o secundario do meu trabalho. O problema secundario abrange o *episodio* Dürer. V. ex.^a passou em claro o principal, omitiu o ponto para mim mais importante, aquelle em que affirmo o que é *meu*, depois e só depois de ter dado a todos, os que cito, o que é *delles*.

O que eu disse ser meu, e exclusivamente meu, é:

1.º O methodo de investigação.

2.º A formulação clara das duas questões principaes: *a* e *b* (v. retro).

A demonstração é incompleta, fui o primeiro a confessal-o; é um ensaio. Disse que dava mais «um pequeno subsidio para a *historia da arte* em Portugal»; isto está na primeira linha do prologo. V. ex.^a quiz ser indulgente e achou que o trabalho era mais alguma cousa do que isso. Eu estimo o voto e agradeço-o, mas desejava antes que v. ex.^a me houvesse julgado com toda a severidade, como eu lhe pedi na carta que acompanhava o exemplar, que me houvesse confirmado a posse da minha descoberta ou que ma tivesse negado, provando que me illudi; que a questão capital já fôra tratada por outrem e que não é tão ignorada como se me afigurou.

V. ex.^a fez um unico reparo, não digo *unico*, imaginando que v. ex.^a não pudesse nem soubesse fazer mais reparos com justo motivo—mas esse reparo não o mereço, esse defeito é imaginario. A culpa foi talvez minha. V. ex.^a deu importancia excessiva ao titulo da obra, mas é certo que esse titulo fui eu que lho puz. O meu trabalho tem esse defeito, além de outros que a critica poderá ainda apontar; o titulo representa uma parte da obra, um capitulo e não a somma ideal de todos os dez capitulos de que ella consta. O titulo primitivo era: *Ensaio sobre as emigrações artisticas para a peninsula*. Não o conservei porque os documentos da Feitoria não puderam, por força maior, entrar na obra. Havendo sido a Feitoria a agencia central dessas emigrações, e tendo de supprimir os documentos, forçoso foi alterar o titulo.

V. ex.^a conclue a sua analyse, dizendo que eu não consegui «reivindicar para a Allemanha a gloria de ter formado os pintores portuguezes do seculo XVI», mas creia v. ex.^a que nunca me passou

tal cousa pela ideia! A Allemanha tem uma parte importante na historia da Arte em Portugal, como os paizes de Flandres e de Brabante, como a Italia e a Hespanha teem a delles (1). Tão pouco nos cega o amor á patria natal, como á patria adoptiva. *Veritas vincit omnia!*

Creia-me

De v. ex.^a

Criado e amigo muito obrigado,

Joaquim de Vasconcellos.

Porto, 10 de março de 1878.

MISERIA

Era já noite cerrada,
Diz o filho:—O' minha mãe!
Debaixo daquella arcada
Passava-se a noite bem...

A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A taes palavras do guia
Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
Que eram como dois leões.
Tinha-os no pateo um morgado,
Para o guardar dos ladrões.

Metem-se de novo á estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palacio da tapada,
Onde o rei ia caçar.

Á ceguinha meio morta
Torna o filho:—O' minha mãe!
Ali, no vão duma porta,
Passava-se a noite bem.

—Se os cães deixarem!... diz ella,
A triste, num riso amargo.
Com effeito, a sentinella:
—Quem vem lá!? passe de largo!

Então ceguinha e filhinho,
Vendo a sua esperanza van,
Deitaram-se no caminho,
Até romper a manhan.

João de Deus.

(1) Conhecendo-se a *base historica* do movimento, o fluxo e refluxo da emigração directa e indirecta, o seu *itinerario geographico*, poder-se-ha determinar o grau d'influencia dessas escolas estrangeiras, a relação entre ellas, as correntes e contra-correntes (fluxo e refluxo das emigrações) que explicam o que Raczyński não soube explicar e foram a causa das suas contradicções. Accentuo o que disse em 1875 na *biographia* do Conde, pag. 41, cap. v; já o havia dito em 1873. (*Ensaio*, pag. 27 e 28, 30 e 31); a pag. 5 do fasc. iv alludí a essas referencias que indicam claramente o processo pelo qual cheguei a determinar e provar a theoria da emigração, primeiro numa arte e depois nas outras; a musica abriu-nos o caminho de Flandres, de Allemanha, de Hespanha e de Italia.

ERRATAS.—Pag. 31, col. 2.^a, leia-se: Feitoria de Portugal em *Flandres*, em lugar de *Londres*.

Pag. 32, col. 1.^a, nota 1, leia-se: Veja-se a nota 1 da pag. 31, col. 2.^a

(1) Vide as nossas revelações na *Biographia* de Raczyński, pag. 20.

O HOMEM PREHISTORICO

Arma antiqua manus, ungues, dentes que fuerunt,
Et lapides, et item silvarum fragmina rami,
Et flamme atque ignes, postquam sunt cognita primum.
Posterior ferri vis arisque reperta;
Et prior aris erat quam ferri cognitus usus.

LUCRECIO.



QUASI tão bruta-mente como as fer-
zes alimarias que o cercavam, e sem
ao menos dispôr dos poderosos ele-
mentos de ataque e defeza que as
faziam invenciveis e temidas, vivia,
é força confessal-o, o homem da época paleolithica.
Percutir uma pedra com outra e fazer saltar lascas
da primeira até ficar mais ou menos acuminada ou
pontegada, transformar os paus, os ossos, os chi-
fres em instrumentos não menos imperfeitos, tirar
chispas de fogo da rapida fricção de ramos resequi-
dos, eis quasi tudo a que se reduzia a sua limitadis-
sima industria.

Sem falar na invenção do fogo, que, só por si,
prometeria todo o futuro desenvolvimento da hu-
manidade, avantajavam-se-lhe, por certo, na regu-
laridade e importancia das obras, na delicadeza e
perfeição dos processos, o castor, a abelha, a formi-
ga. Eram-lhe superiores pelos fortes musculos, pe-
las garras, prezas ou outras armas naturaes, o hip-
popotamo, o elefante, o urso, o rangifer ou a hie-
na. As alterações phisicas da superficie do globo
livraram a especie humana de alguns desses pode-
rosos inimigos. Mas os sobreviventes bastariam tal-
vez para extinguil-a, se o homem, inferior nos re-
cursos da natureza phisica, se não tornasse super-
ior a todos, pelo successivo desenvolvimento das
faculdades intellectuaes.

Progride rapido esse desenvolvimento na época
neolithica ou da pedra polida. Cessa a anterior agi-
tação que punha em temerosa desordem as partes
solida e liquida da crusta da terra; temperam-se os
rigores do clima, e as neves perpetuas recuam para
os mais altos dos cerros das cordilheiras; algumas
das alimarias que disputavam ao homem a posse
das cavernas e dos fructos da terra emigram para
as regiões hyperborias ou alpinas, em busca de tem-
peraturas mais conformes a organizações afeitas á
frialdade dos gelos, que não aos ardores dos raios
solares. No meio de condições phisicas, similhantes
ás da actualidade, o homem sahe por fim da brute-
za em que longamente vivera, eleva-se acima dos
irracionaes que o cercam, converte alguns á domes-
ticidade, e a aurora esplendida da civilização illumi-

na pela primeira vez os horisontes das sociedades
nascentes.

Outrora as armas e os pouquissimos instrumen-
tos da industria humana eram feitos de rochas, que,
pela sua estructura, mais facilmente lascavam, para
tomar, por effeito da percussão, as fôrmas acumi-
nadas ou ponte agudas. O silex, a quartzite, a obsi-
diana mereciam a preferencia para servirem de ma-
terias primas á industria incipiente. Agora essas pe-
dras são muitas vezes substituidas pela diorite, ser-
pentina, porphydo, jade e outras, susceptiveis de to-
marem fôrmas e côres mais varias e mais bellas,
embora á força de trabalho e paciencia daquelles
que as fabricavam. Nesta nova época não basta já
como dantes, que os instrumentos possam ferir ou
cortar, importa igualmente que sejam bellos e com-
modos. As fôrmas que dão ás rochas com os per-
cutores, o polimento que lhes põem e as côres que
lhes avivam com os alizadores ou com os raspado-
res satisfazem ás primeiras exigencias do sentimen-
to esthetico, mal despontando ainda no coração hu-
mano.

Pelo espaço de milhares de annos a intelligen-
cia do homem não teve á sua disposição mais que
uns toscos pedaços de silex aguçados ou acumina-
dos para furar ou cortar. Na época mesolithica, e
particularmente na época neolithica ou da pedra po-
lida, dilatam-se os horisontes industriaes. Fabricam-
se martellos, serras, arpões, collares e outras armas
ou ornamentos. Aproveitam-se as pontas do veado
e de outros animaes para varios utensilios. Nalguns
apparecem os primeiros ensaios artisticos em gra-
vuras ou esculturas toscas e disformes, porém re-
presentando já claramente o homem ou os animaes
amigos e inimigos que o cercavam. Fabricam-se
tambem moinhos de duas pedras para moêr os ce-
reaes, e vasos de barro para guardar as sementes e
as farinhas ou para outros usos. Emfim, a disposi-
ção para a mais nobre das artes, para a architectu-
ra, revela-se nos dolmens, nos tumulos, no menhir,
no cromleck, monumentos megalithicos da época da
pedra polida, que foram para esse tempo o mesmo
que as basilicas, os mausoleus ou os obeliscos para
os tempos historicos.

A. Filippe Simões.



EÇA DE QUEIROZ

E O REALISMO CONTEMPORANEO



Um povo em cuja lingua se escreve o *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basilio*, tem ainda um grande vigor, que é preciso dirigir para o fazer entrar em uma vida nova: elle apresenta uma phisionomia propria, habitos de um accentuado individualismo, e possui uma linguagem pitoresca, que não é a dos sermonarios nem dos chronistas-móres do reino, mas a do conflicto dos interesses, que tanto servira para a expressão da liberdade, se tivéssemos parlamento e jornalismo dignos, como para a exposição scientifica, se a sciencia não dependesse dos destinos officiaes. No entanto essa lingua vae-se desprendendo da crusta classica em que os nossos rhetoricos a immobilisaram e os seus primeiros movimentos ainda trepidantes, já satisfazem as novas necessidades do pensamento; começou-se pela composição artistica, pelo esboço critico, e não longe tel-a-hemos apta para se redigir nella as grandes descubertas da sciencia e da philosophia. Se esses dous romances de Eça de Queiroz limitam a era nova em que a lingua portugueza vem transformar-se para exprimir um novo sentimento artistico, como obras de arte são a prova capital de que a consciencia portugueza se elevou, e que na nossa sociedade existe esse vigor que produz os grandes romancistas europeus. A obra de arte, por isso que se dirige ao sentimento de todos, e que convence sem discussão, e impressiona sem prova, é a precursora da actividade scientifica; para que a sua acção seja eficaz, é necessario que ella desperte interesses em harmonia com os intuitos da sciencia. Assim o trabalho de transformação de uma época, de uma nacionalidade faz-se evolutivamente, convergindo todos os esforços para um mesmo resultado, e sem se dispersar nenhuma energia. O que precisamos nós? Onde está a causa do marasmo da nossa sociedade? Na falta de ideias, que são o estimulo de todo o movimento. Uma nação que vê em 1839 condemnar pelos tribunaes a publicação das poesias de José Anastacio da Cunha, e que em 1846 aceita uma Junta do Porto, de homens que ainda não conheciam a palavra Republica; que vê o sistema constitucional esterilizar-se nas mãos daquelles que o fabricaram, e que tolera até hoje a *outorga* do codigo fundamental dos seus direitos com uma soberania *por graça de Deus*; nestas condições, uma nação só pôde avançar ou por um desastre violento, ou pelo

esforço constante daquelles que puzerem em circulação um grande numero de ideias. Tudo o que tenda a este fim é bem vindo; a poesia revolucionaria, satanica, baudelairiana, ou philosophica; o drama de combate, o romance de um realismo pessimista, o ensaio humorista da critica de costumes e das individualidades do dia, o livro de historia apaixonada, a synthese philosophica embora prematura, tudo é preciso para chamar o sangue á periphéria deste corpo apathico da nossa sociedade catholico-monarchica.

É neste ponto de vista que nos devemos collocar para julgar os romances de Eça de Queiroz; elle saiu desse meio activo e fecundante em que se emancipou a geração de Coimbra; aí desenvolveu o senso da ironia, aí adquiriu o espirito da observação delicada e maliciosa, que é a vida e a graça do seu estilo; aí viveu entre artistas e polemistas, representando no theatro academico, onde teve a revelação da profundidade shaksperiana dos dialogos, e argumentando nas geraes, entre os terrores da sabatina, sobre as syntheses de Hegel ou de Proudhon. Na sua época de Coimbra discutia-se o *realismo na arte* e Eça de Queiroz abraçara essa formula mal definida da esthetica moderna. Emquanto o romance historico, já cansado e sem ideal, ainda esgotava os esforços do estilo academico de Mendes Leal e de Arnaldo Gama, em Coimbra riam-se do anachronismo, e eram saudados como o verbo novo os romances de Flaubert, *Madame Bovary*, a *Salambó*, e Balzac recebia a devida consagração lendo-se integralmente a *Comedia humana*.

Em Coimbra o talento de Eça de Queiroz pendeu-se na polemica; embora nada produzisse durante a formatura, adquiriu a liberdade intelectual que o desprendeu de estereis admirações, e lhe deu esse dom de observação para dentro das causas, e o seu poder descriptivo. Ali vive-se algum tanto com uma espontaneidade á *Neveu de Rameau*, e quem uma vez contraíu esse habito ficou com aquella força que vem do odio profundo á mediocridade e á banalidade.

Estabelecida esta relação do homem para com o meio, onde recebeu a primeira orientação artistica, vejamos como Eça de Queiroz obedeceu a este impulso modificando-o segundo a fatalidade da sua natureza; elle foi levado pelo horror á mediocridade a conservar-se em revolta; detestava o trabalho da erudição, e incommodava-o a abstracção philosophica. Tinha uma imaginação irrequieta e fecunda, tintas extraordinarias para o colorido descriptivo, malicias concentradas para os dialogos, theses incoherentes que davam suberbos paradoxos; mas isto tudo amalgammado não dava nem o ro-

mance, nem o drama; começou então pelo folhetim, e terminada a formatura em 1865, achou-se incapaz de amarrar-se á banca de advogado, e accitou a direcção politica de um jornal de provincia. Em Leiria viveu algum tempo num isolamento tedioso, de que soube tirar a concentração das suas forças. O *Crime do Padre Amaro* passa-se em Leiria, e Eça de Queiroz não poderia tocar a realidade dos pequenos interesses de um circulo provinciano, se se não enchesse dos continuos aborrecimentos desse marasmo local. A sua theoria do *realismo na arte*, sustentada nas Conferencias Democraticas do Casino, em 1871, poderia reproduzir Proudhon, mas nos seus romances inspirados sobre essa formula acha-se uma comprehensão original, posta em obra com a valentia de uma poderosa intelligencia.

Para avaliar os romances de Eça de Queiroz com inteira justiça, é indispensavel darmos uma noção clara do *Realismo na arte*, não essa noção caprichosa de cada organisação, como o *realismo* de Theophile Gautier, de Hugo ou de Courbet, de Champfleury, de Flaubert ou de Zola; o que ha de imperfeito em cada um, provém da comprehensão pessoal de uma these de absoluta verdade. O lado defeituoso do *Padre Amaro* ou do *Primo Basilio*, não resulta de uma incapacidade de Eça de Queiroz, mas da sua comprehensão particular do realismo.

O *realismo* na arte é o esforço justo e intelligente para communicar directamente com a natureza, tomando a verdade do real como a expressão ideal que se procura. Esta concepção nasceu de uma reacção contra os tipos academicos impostos como modelos hieraticos de todas as manifestações artisticas; em vez de macaquear a estatua grega, observe-se de novo o corpo humano; em vez do tipo raphaelico ou rembrandtesco, busque-se na multidão a phisionomia que hade exprimir a emoção que se quer communicar; em vez da frase convencional consagrada pelos escritores de uma época morta, colijam-se as locuções vivas dos que bracejam e se increpam; em vez de procurar o drama da vida no salão banal, entre-se na alcova, e logicamente nos sitios onde a natureza á custa de uma certa degradação deve de estar menos falsificada. Ha mil caminhos para este processo, mas só uma clara comprehensão philosophica; um reabilita o grotesco e divinisa o feio systematicamente; outro separa a obra de arte de todo o destino e intuito social e esgota-se no vago da *arte pela arte*, quando nenhuma actividade pôde exercer-se sem um estimulo, que determina o seu motivo; outros cultivam as situações excepçoes, escandalosas, e procuram a emoção no imprevisto e quasi na obscenidade.

E comtudo o *realismo* é uma verdade; significa uma necessidade do espirito moderno, que hade ser satisfeita, embora os ensaios indisciplinados desbaratem forças e pervertam o criterio. O realismo é uma tendencia philosophica na literatura e na arte; quando as noções philosophicas eram theologicas a arte era hieratica e a literatura era inconscientemente tradicional, via-se a natureza atravez da penumbra divina, e a obra humana era a reprodução de miragens que o espirito critico ia dissipando; quando a intelligencia chegou ás noções metaphisicas, a poesia interpretou os mythos, a arte personificou emblematicamente os sentimentos e paixões humanas, em fórmulas canonicas, e a literatura, tendo levado á deducção de um certo numero de regras academicas, como vemos na Poetica de Aristoteles ou nas Instituições de Quintiliano, acabou por esterilizar-se submetendo-se á reprodução servil de dadas fórmulas transitorias. A intelligencia humana entrou em uma phase nova de existencia; pelo desenvolvimento integral das sciencias chegou-se á concepção positiva do universo; essa concepção positiva derrama uma nova luz sobre todas as fórmulas da actividade do homem. Assim como os trabalhos da geologia nos remontam até ás fórmulas primitivas da nossa nebulose sideral, e os trabalhos da biologia nos remontam pelo encadeamento das especies até á cellula organica, assim tambem a erudição historica nos revela as concepções primitivas da linguagem e dos mythos, que nós hoje gosamos nas fórmulas concretas da arte e nas fórmulas abstractas das leis scientificas e da philosophia.

Estão achadas as *relações* de um grande numero de phenomenos; comprehende-se a arte grega pelas suas *relações* com os simbolos assiricos e egipcios, e as fórmulas literarias tem relações entre todos os povos da terra, relações que não são mais do que phases contiguas de transformação. Os dramas são as transformações dos actos liturgicos primitivos; os romances são a degeneração das primitivas epopêas que por seu turno já se haviam formado da decadencia de um certo numero de mythos. Diante desta nova concepção positiva a Literatura já não pôde ser uma *imitação*, como nas épocas academicas, nem uma *espontaneidade especifica* como nas épocas tradicionaes, hade ser um producto consciente. É esta a phase moderna, em que pela concepção positiva do universo a Literatura tem de reproduzir a realidade segundo este estado da concepção. É necessario crear uma *Literatura positiva*. Como fazel-o? Os que abraçam os processos realistas presentem essa necessidade, e daqui provém o seu poder superior; mas a literatura não é só creada pelos individuos, o meio social colabora com elles. Uma sociedade em que o

homem conhece a sua independencia perante o estado, e a liberdade de sua consciencia perante os dogmas, e o seu destino perante a solidariedade e a perpetuidade da especie, essa sociedade tem outras necessidades a que lhe não respondem as obras academicas. Para que o *realismo* seja a fórma definitiva da Literatura positiva, é necessario que além da verdade da fórma, sirva com essa verdade um intuito de uma sociedade que procura as vias da sua transformação. Sem este intuito, a obra de arte ou de literatura, por mais perfeita ou realista que seja, hade ser sempre transitoria e caduca.

Se abstrairmos de intuito na arte ou na literatura, mas só procurarmos o *realismo*, a obra individual, ficará sempre inferior a qualquer fórma casual, que tira o seu valor da ingenuidade da sua inconsciencia; assim um molde de corpo humano tirado das lavas de Herculanium será superior á estatua mais realista, e nenhum romancé de Flaubert ou do mais extraordinario artista poderá competir com as *Memorias de Benvenuto Cellini* ou de *Casa Nova*, com as *Cartas de Christovam Colombo* ou da *Religiosa portugueza*, com as Causas criminaes de qualquer tribunal, com as Relações de viagens e de naufragios de qualquer aventureiro ou desgraçado. Estas obras extraordinarias, de um interesse absorvente, impressionam-nos profundamente, e serão os modelos provisórios da Literatura positiva; falta-lhes o intuito para dirigir as energias sociaes; as obras definitivas hão de vir, quando se extinguir a falsa noção da *arte pela arte*, e o realismo for o processo do sentimento como a observação experimental é o processo da deducção scientifica. Assim a arte e a literatura hão de atacar as instituições caducas e anachronicas, e fortificar os phenomenos staticos da sociedade orientando-os num sentido consciente. Antes de atacar a familia, ou o casamento, ou o pudor, ou o dever, ou o trabalho, ou a fatalidade organica, ha a demolir o clericalismo, o monarquismo, o militarismo, o argentarismo, e mil outras tradições estereis que embaraçam a legitima actividade humana.

Os romances de Eça de Queiroz são de primeira grandeza, porque vem nesta corrente do realismo, embora ainda indisciplinado; no *Crime do Padre Amaro* a these modificou-o inconscientemente no sentido positivo. Ataca-se ali uma classe que tende a desaparecer. No *Primo Basilio* nota-se o que o proprio autor disse de si com grande verdade: «Sinto que possuo o processo como ninguem, mas faltam-me theses.» Eça de Queiroz revela nesta frase em que se retrata, os elementos primarios de toda a obra de arte, a *sensação* e o *intuito*. Atingiu o poder de despertar, conservar e dirigir a sensação, mas para onde?

com que fim? O grande artista precisa de ser fecundado pela critica, e não o devemos enervar com o elogio banal, que é mais perigoso do que a indifferença estúpida. Qualquer dos romances de Eça de Queiroz absorve a attenção de quem o lê, a ponto de não podermos interromper a emoção crescente, mas uma vez terminado deixa uma indisposição pessoal contra quem nos fez assistir a esse lance desagradavel. Este poder irresistivel do interesse é a superioridade com que o artista põe em movimento a sensação; o desgosto das cousas que lançamos á conta da pessoa do autor, e que para uma certa parte do publico o torna antipathico, é a falta de um intuito, de uma these, a que tendesse aquelle esforço sublime, aquelle triunfo sobre a sensação. Comparativamente com o que temos, o *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basilio* são maravilhas de arte, que em nada perdem se as afferirmos pelas mais bellas creações de Balzac; porém esses romances não são a expressão ultima do genio de Eça de Queiroz. Elle está a meio caminho, no sentido de uma transfiguração esplendida; se assim como conhece uma grande variedade de tipos sociaes, um certo numero de energias doentes despertadas pelas instituições, com o grande conhecimento sensorial que tem do mundo exterior, se adquirir uma disciplina mental philosophica, será uma força transformadora, exercerá acção sobre o seu tempo, será grande entre os grandes.

Quando vemos o vulto de Balzac, grande apesar dos seus preconceitos aristocraticos, do seu iluminismo metaphisico, do seu deismo, admiramos a fecundidade das suas theses e presentimos quanto seria se o dirigisse uma philosophia. Elle suppre esta falta com a saude moral, com o bom senso, e os seus heroes são fortes, emprehendedores, e como elle visionarios. Esta salvaguarda não se dá com Eça de Queiroz; conhecendo a sensação pelo proprio nervosismo, tendo a feminilidade do detalhe exterior, os seus personagens são admiraveis pela fraqueza. Os tipos normaes, fortes pelo bom senso, como o Medico no *Padre Amaro*, ou o Julião no *Primo Basilio*, são raros e escassamente contornados. Os tipos histericos de Amelia ou de Luiza, as organizações dom junescas ou pela sensualidade mistica ou pelo crevetismo, como o reverendo Amaro ou Basilio de Brito, os aleijões moraes como a Dionizia e a Juliana, os grutescos como o Libaninho e o conselheiro Accacio, são creações de primeira ordem, completas, logicas, proverbias, mas ressentem-se do estado de espirito que se não equilibra em noções positivas. Quando um dia Eça de Queiroz recommear a sua educação mental, pondo-se em dia com as descu-

bertas inauditas da sciencia, com os novos documentos do passado humano, com a sociologia, com o phisicismo, ou melhor com o positivismo de Comte, ou com o monismo de Haeckel, a sua individualidade moral será mais forte, e nunca lhe faltarão theses que lhe orientem a imaginação e lhe dêem uma acção decisiva sobre a sociedade, que tiver a fortuna de ser impressionada por elle.

Apezar de se não encontrar no *Primo Basilio* a these moral ou social de que esta maravilha de arte é a demonstração, tão evidente como no *Padre Amaro*, comtudo essa these existe, e é o leitor dominado por uma violenta emoção que a fórmula ao seu espirito. Póde-se dizer que todo o romance de Eça de Queiroz se resume nesta admiravel frase de Diderot: «O que significa esta palavra tão levemente proferida, tão frivola-mente interpretada: *Eu amo-vos?* Significa realmente: — Se quereis sacrificar-me a vossa innocencia e o vosso recato, perder o respeito que tendes por vós mesmo, e que vos consagram os outros, caminhar de olhos no chão na sociedade pelo menos até pelo habito da devassidão, alcançardes um certo descaramento, renunciar a toda a posição honesta, fazer morrer de dôr os vossos parentes e conceder-me um momento de prazer, eu vos ficarei por isso muito obrigado.» O immortal autôr da *Religiuse* e do *Neveu de Rameau*, achou o artista que soube pôr em obra o seu pensamento; a seducção de Luiza é a realidade da interpretação frivola de uma declaração estouvada. A morte profundamente tragica da mulher que esqueceu o seu dever, e a frase cinica com que é apreciado o seu sacrificio e com que se termina o romance do *Primo Basilio*, dão-nos a intenção plena de Eça de Queiroz. Se estas palavras de Diderot tivessem servido de epigraphe ao livro, ou fossem reproduzidas como commentario final, *Primo Basilio* poderia ser mais cruamente realista, e nem por isso deixava de ser poderosamente moral.

Theophilo Braga.

SARDENTA

Tu nesse corpo completo,
Ó lactea virgem doirada!
Tens o limphatico aspecto
Duma camelia melada.

Cesario Verde.



A PHYSICA E A METAPHYSICA

(Conclusão)



COM as especies o naturalista fórma novos grupos chamados generos; com os generos fórma as familias; com as familias as ordens; com as ordens as classes. Obtendo assim um quadro, em que todos os objectos da natureza se acham classificados, dado um objecto qualquer, poderá collocar-o no lugar que lhe competir e a classificação será tanto melhor com quanta mais facilidade lhe poder dar essa collocação. Em uma boa classificação devem pois os caracteres especificos, genericos, etc., ser bem determinados e salientes; debaixo desse ponto de vista póde haver muitas classificações egualmente boas, que consideradas por outro lado tenham cada uma valor muito differente. Toda a classificação que puzer objectos mais semelhantes a maior distancia uns dos outros, do que objectos mais differentes, não representará as disposições da natureza, taes quaes o espirito humano as figura e parecerá ter alguma coisa de mal geitoso e *artificial*. O naturalista é instinctivamente levado a escolher para caracteres especificos aquelles que reunirem individuos mais semelhantes, para caracteres genericos os que reunirem especies mais semelhantes, etc., e a formar desse modo uma classificação natural. A possibilidade dessa classificação depende da existencia de diversas ordens de caracteres, que arrastem consigo maior ou menor numero de caracteres de ordem inferior. A existencia deste principio da subordinação dos caracteres não é da primeira intuição, nem ha regra alguma para descobrir á priori quaes sejam os caracteres das diversas ordens. Não ha tambem regra alguma para formar uma classificação natural completa e se quizermos profundar mais o assumpto, veremos que a propria ideia da classificação natural não terá toda a precisão desejavel, em quanto senão definir com exactão o que se deve entender por semelhança. Ora dous objectos dotados das mesmas qualidades e diferindo unicamente um do outro por occuparem posições diversas, tem o maior grau de semelhança. Por outro lado, em um ser que se transforma, póde-se sempre considerar dous estados tão semelhantes, quanto se quizer, approximando indefinidamente os momentos a que esses estados correspondem. Por tanto a melhor maneira de formular a lei que liga, segundo as suas analogias e semelhanças, os individuos distribuidos no espaço é com-

paral-os ás diversas phases de um ser que se modifica no tempo. Este modo de vêr conduz a definir a especie uma colecção de individuos procedentes de um typo commum. Cada typo especifico desenvolve-se segundo a lei que lhe é propria e que transmite a seus descendentes, porém o desenvolvimento desses modifica-se pela acção contínua das circumstancias exteriores. Os diversos typos especificos tambem procedem de um unico progenitor e assim por diante, de maneira que a distribuição dos diversos seres no espaço toma a fôrma de uma arvore geneologica; a natureza apresenta-se assim como um ser que se vai desinvolvendo e multiplicando; e o naturalista mediante a classificação geneologica passa da contemplação analytica para a contemplação synthetica do Universo. A primeira classificação é apenas um artificio mnemonico, e baseando-se nas differenças e contrastes dos individuos é toda analytica. A segunda, fundada no complexo dos caracteres já pretende exprimir a natureza das cousas. Mas só a terceira é que apresenta o Universo como um organismo, um todo, e é eminentemente synthetica (1). Actualmente está-se operando uma revolução nas sciencias naturaes. Com o progresso do thermodynamica vai prevalecendo a idéa da unidade da força, e é innegavel que o numero dos partidarios da transformação das especies tem augmentado consideravelmente nestes ultimos tempos. Ambas estas doutrinas rejeitam o vitalismo, por isso os materialistas applaudem-nas; os espiritalistas temem-nas. Receio vão! O vitalismo, o proprio animismo não é o espiritalismo ou é quando muito um espiritalismo espurio. O naturalista não deve admitir no seu campo o espirito, a alma, nem como causa nem como effeito, nem como principio nem como objecto. Quanto mais extremar o seu terreno do da metaphysica, mais lucrará e mais a deixará folgar. Quando é perigoso á grande sciencia é quando lhe invade os dominios, porque substitue as concepções da razão, claras mas abstractas e por isso pouco accessiveis ao vulgo, pelas intuições da imaginação e do empirismo. Circumscriito ao que lhe pertencer, o naturalista experimenta, colhe o resultado das suas experiencias, calcula as medias, classifica, liga entre si os factos e generalizando pouco a pouco formula leis empiricas, estabelece theorias, e eleva-se aos principios e ás leis fundamentaes da sciencia. Mas, se como na actualidade acontece, os conhecimentos particulares abundam, o seu espirito acostumado de preferencia a occupar-se do exame

minucioso e exacto dos factos mais do que a generalisar, torna-se pouco apto para abstrahir e dessa incapacidade se resentem os principios e as leis que formulou, as quaes não tem o rigor exclusivamente proprio das noções metaphysicas, nem derramam essa luz que mostra o mundo sensível em sua bella harmonia como um todo racionalmente ordenado. Portanto, para que não desabe em ruinas o edificio, que tão laboriosamente vae construindo, o naturalista tem de examinar a efficacia do methodo de que usou, na sua construcção e a firmeza dos alicerces sobre que o estabeleceu, recorrendo ao estudo das leis da razão; e pelo estudo da logica ao da psychologia e pelo da psychologia ao da metaphysica; e assim a grande sciencia, que noutro tempo desdenhara, se lhe impõe agora como soberana.

Pedro Amorim Vianna.

MITHOLOGIA IBERICA

(INSCRIPÇÕES ENDOVELLICAS DE VILLA-VIÇOSA)



A parede meridional da igreja dos Agostinhos, de Villa-Viçosa, existem embebidas, a conveniente altura, cinco lapidas de diferentes medidas com as seguintes inscrições bem conservadas e legiveis:

I	II	III
DEO.ENDOVEL	DEO.ENDOVELLICO.SAC.	DEO.ENDOVEL
LICO.PR.ESTAN	IVNIA.ELIANA.VOTO.SVCCEPTO	LICO.SACRVM
TISS.ET.PR.ESEN	ELVIA.YLAS.MATER.FILIAE	BIANDVS.CAE
TISSIML.NVMINIS	SVAE.VOTVM.SVCCEPTVM	LIAE.RVFINAE
SEXTVS.COCCEIVS	ANIMO.LIBENS.POSVIT.	SERVVS
CRATERVS.HONORI		A.L.V.S.
NVS.EQVES.ROMA		
NVS.EX.VOTO.		
	IV	V
	ENDOVELLI	ENOBOLICO
	CO.SACRVM	TVSCA
	EX.RELIGIONE	OLIA
	IVSSV.NVMINIS	TAVRLF.
	POMPONIA	PRO.QVINTO
	MARCELLA	STATORIO
	A.L.P.	TAVRO
		V.A.L.S.

São conhecidas e aceites mais nove inscrições endovellicas, e todas se pódem vêr nos *Estudos da idade media*, do sr. Theophilo Braga, no capitulo intitulado «Mithologia iberica». São estas cinco as

(1) Antes de traçar estas linhas lemos sobre o assumpto H. Martin, que nos satisfiz mediocrementemente; o trabalho magistral de Decandolle; os capitulos respectivos da Origem das Especies de Darwin, e a apreciação encomiasta que d'elles faz Lyell. Receio que não soubesse resumir no que fica escripto as idéias que bebi n'esses auctores.

existentes em Villa-Viçosa e correspondem ás designadas com os n.ºs 2, 7, 10, 11 e 12 na monographia do sr. Braga, com algumas alterações na divisão das linhas, e algumas correccções feitas á vista das lapidas.

O sr. Emilio Hübner nas suas *Not. arch.*, pag. 51-52 da versão portugueza, refere-se a este assumpto nos termos seguintes :

«Nas visinhanças de Terena e Nossa Senhora das Boas Novas devia existir um santuario, e talvez alguma cidade. «Tem-se encontrado ali numerosas dedicações ao deus Endovellico... Scaligero, Grutero, A. Resende deram-lhes attenção. Cornide que em 1798 visitou estes lugares, conservou algumas inscripções novas. D. Theodorio, duque de Bragança, mandou-as colocar na parede do convento de Santo Agostinho de Villa-Viçosa. Antonio Caetano de Sousa menciona-as na *Historia Genealogica*... Ha quatro monographias: de Thomaz Reinesio, *De Deo Endovellico commentarius*, Altenburg, 1634. De Freret, nas *Memorias da Academia das Inscripções*, vol. III. Outra do hespanhol D. Miguel Pastor. A quarta de Antonio da Visitação Freire, nas *Memorias da Academia de Lisboa*, 1843, vol. XIII, pag. 81 «a 97.

«As dedicações faziam-se não só *ex-voto*, ou *voto suscepto*, mas tambem *ex-religione*, *jussu numinis* e *ex-visu*. «Nada averiguado com exactidão sobre a significação do nome do deus. Aparece escrito *Endovellicus*, *Endovelicus*, *Enobolicus*, se é que estas variantes não são enganos de quem copiou as inscripções. Os dedicadores são oito mulheres e cinco homens entre os quaes um *eques romanus* e dois escravos, um delles *marmorarius*. Uma vez a dedicação é *pro salute*. Outras com estas se encontraram a Proserpina, e uma a Proserpina servatria: é mais verosimil pois considerar Endovellico como uma divindade local protectora da saude, da vida, da prosperidade, do que havel-o por Cupido dos celticos como queria Brito, por Marte como se pretendu inferir de uma van etimologia.»

Á lista das monographias ha para juntar a já citada do sr. Theophilo Braga.

Emquanto á duvida sobre as variantes *Endovellico* e *Enobolico* podemos afirmar que não resultam de engano de copia; são muito reaes. É sabido que nas inscripções ha frequentes variantes orthographicas: os romanos, como é natural, latinisavam os nomes estranhos. Se esta latinisação era frequentemente caprichosa nos maiores eruditos, como o não seria nas ultimas provincias do imperio, entre humildes canteiros? Um chefe iberico que é chamado *Indibilis* por Tito Livio, é chamado *Andobales* por Polybio.

Argote (Antiguidades da chancellaria de Braga) menciona outra inscripção, em que se não tem reparado, ou talvez se tenha desprezado, e que eu apresentarei por simples consciencia. É muito simples e resumida, todavia importante sendo verdadeira; duas palavras apenas:—*Endo Castrorum*.

Não sei porque na collecção de inscripções romanas publicada pela Academia sob direcção do

fallecido Levy Maria Jordão apparece a transformação em *Genio castrorum*.

Argote, que se não póde accusar de mui precipitado, tanto leu *Endo* que até lhe não escapou a analogia com o *Endovellico*, e sobre ella escreve. *Endo* parece ser mera fórma latina do celtico *end*. Du Cange e Bullet dão a este radical a significação de *Dominus e Deus* (vid. T. Braga). Aquella transformação do *endo* em *genio* embora, segundo supponho, arbitraria, presta-se a uma curiosa approximação. Ainda que até hoje os etymologistas não concordem na verdadeira origem da palavra *Deus*, derivando-a uns do grego *théo*, fazer, dispôr; outros procurando mais longe a fonte no radical *di* que significa *luz*; outros no egipcio *theon*, que significa *ar*, *atmosfera*; é certo que reina aqui uma ideia dominante, a ideia de principio creador, de fonte de vida. É sabido que o ovo era simbolo importante na mythologia celtica, que muitas vezes se mostra nas suas singulares esculpturas; tem importancia tambem noutras mythologias; a sua fórma, o maravilhoso misterio da sua evolução justificam isto.

(Conclue.)

Gabriel Pereira.

INTERMEZZO

Era na aldeia. Ao longo das ramadas

Ouvia-se cantar

O largo côro d'aves namoradas,

Que andavam pelo ar.

O teu palido rosto soluçante,

Cheio de commoção,

Banhava dum luz vivificante

Meu pobre coração.

Murchava tristemente a balsamina,

Com quem verga á dôr,

E eu beijei-te a mão branca e pequenina

Num extase d'amor.

E, nesse instante, ao longo das ramadas,

Já não se ouviu cantar

O largo côro d'aves namoradas,

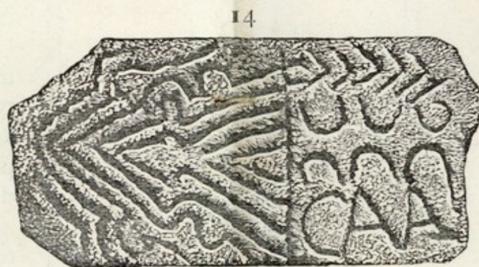
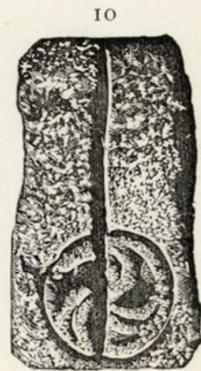
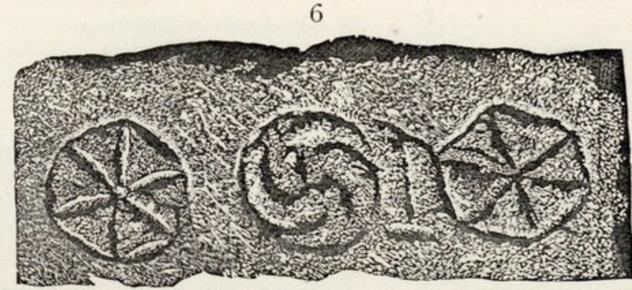
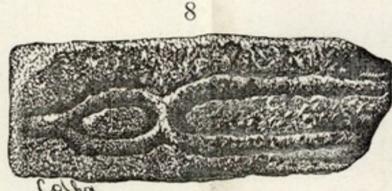
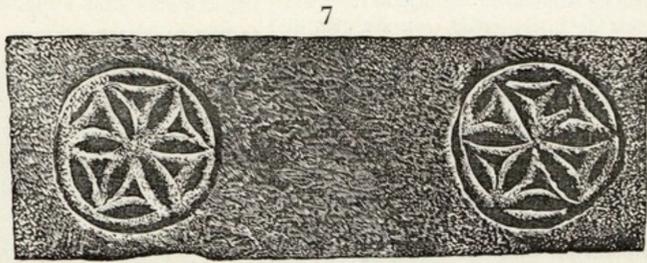
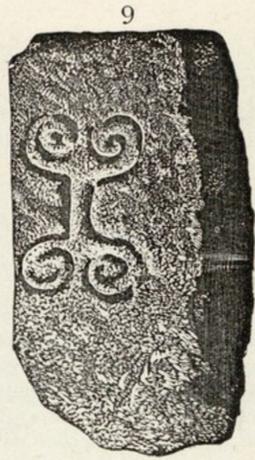
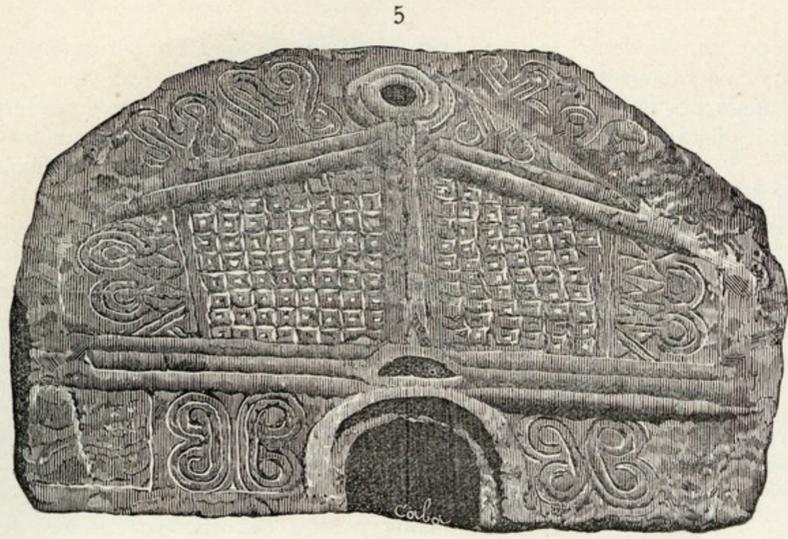
Que andavam pelo ar...

8 de Maio de 1878.

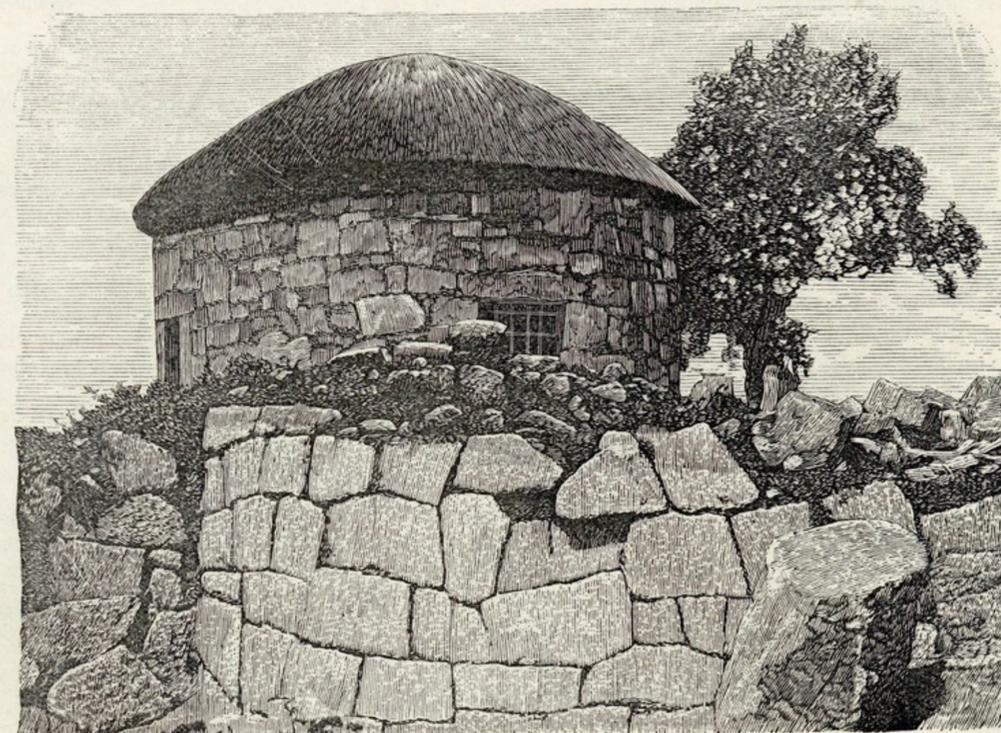
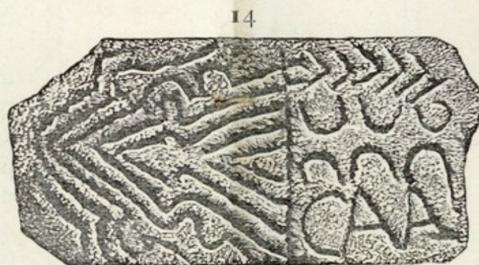
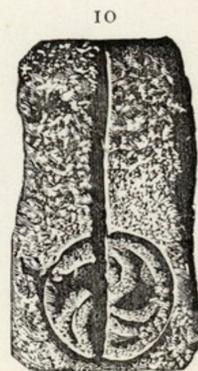
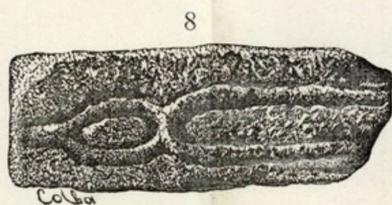
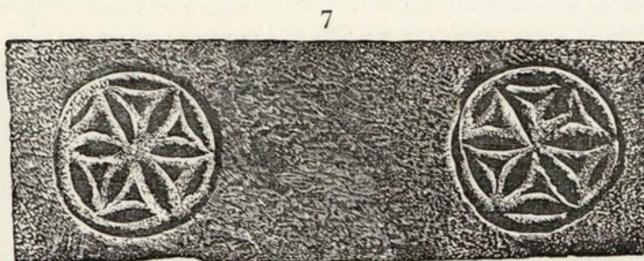
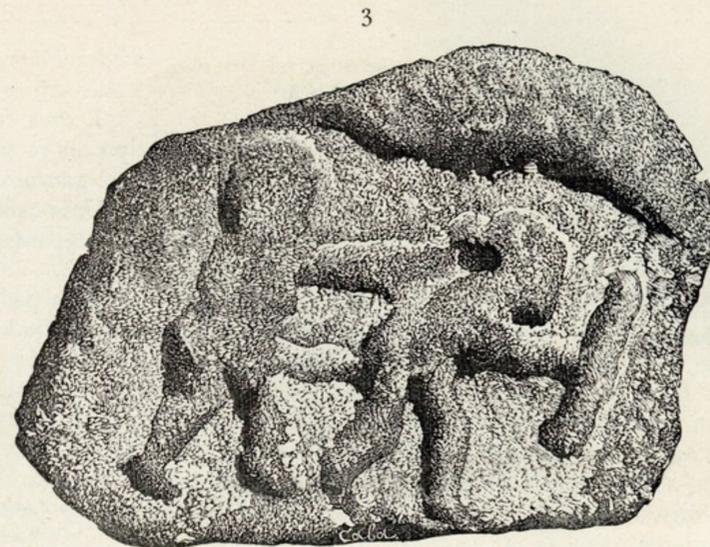
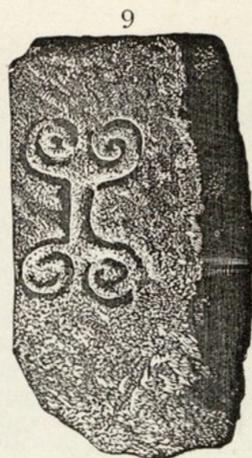
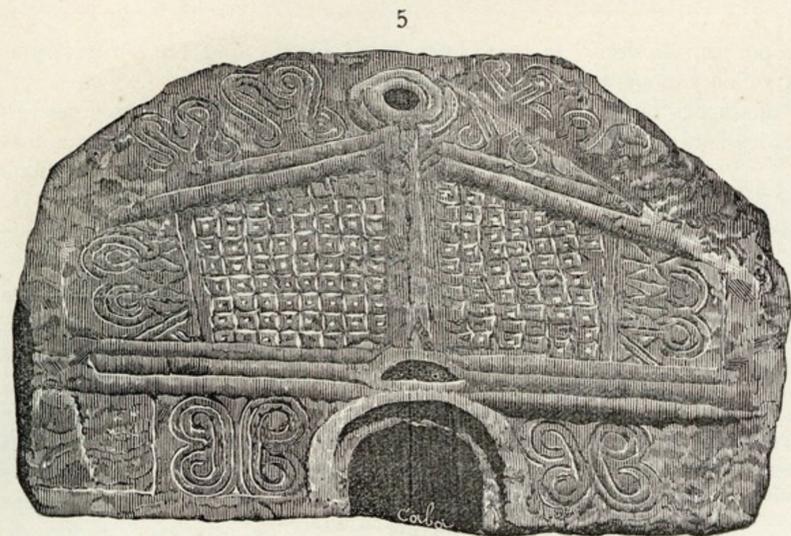
Joaquim d'Araujo.



RUINAS DA CITANIA



RUINAS DA CITANIA



RUINAS DA CITANIA



A perto de dois annos reuniu-se na Citania de Briteiros a flôr da arqueologia... e do dandysmo portuguez em conferencia magna, para dar a ultima palavra sobre as ruinas methodica e inteligentemente exploradas pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento. Até hoje, porém, não viu a luz o relatorio dessa tão apregoada festa; não sabemos por isso a que resultados se chegou ali e apenas conhecemos, isoladas, opiniões diametralmente oppostas dum ou outro conferente. Resposta *completa* ao *Questionario*, previamente distribuido, não consta que fosse dada pelos nossos arqueologos, inclusive o autôr de tal questionario, o sr. Pereira Caldas.

Propondo-nos a inserir proxivamente uma serie de artigos do nosso illustre colaborador o sr. Adolpho Coelho ácerca das ruinas da Citania apresentamos hoje as nossas gravuras desacompanhadas do longo commentario que pediam.

Reservando o nosso juizo sobre o caracter artistico dos monumentos da Citania, limitar-nos-emos, pois, a uma ligeirissima descripção dellas, utilizando para isso os dados fornecidos pelo illustre e benemerito explorador de tão importantissimas ruinas. As nossas gravuras representam:

Duas casas circulares reconstruidas sobre as ruinas primitivas. A parte antiga está indicada nas photographias por uma linha negra que na gravura se não determina precisamente (n.ºs 1 e 2).

Um baixo relevo deteriorado (n.º 3) que se encontrou junto á estatua (n.º 4) em pedra, que se suppõe representar uma mulher. Essa estatua mede 0,^m46 de altura: a cabeça foi achada a alguns passos de distancia do tronco.

A Pedra Formosa (n.º 5). Este monumento havia sido trasladado nos principios do passado seculo para Santo Estevão de Briteiros, nos arredores da Citania, por ordem de uma abbadessa daquelle mosteiro. O sr. dr. Sarmento, fazendo-a voltar para a Citania, empregou, na conducção della, vinte e quatro juntas de bois.

Adornos caracteristicos que se suppõe haverem figurado nos edificios da Citania (n.ºs 6, 7 e 10).

Pedras rusticas com figuras lavradas, que não parecem meros adornos (n.ºs 8 e 9).

Uma pedra com adornos do mesmo caracter e o monogramma C. A. A. (n.º 14). Na casa onde foi achada, encontraram-se tambem outras pedras com desenhos semelhantes aos da parte superior da

Pedra Formosa. Esses desenhos não foram encontrados em nenhum outro ponto.

Pedras rusticas com adornos que recordam o tipo celtico (n.ºs 11, 12 e 13); fragmentos lavrados com adornos semelhantes áquelles (15).

Uma cabeça de estatua em pedra que a primeira vista recorda bastante o tipo da esculptura oriental (n.º 16).

Uma pedra com inscripção em caracteres ainda não decifrados (n.º 17).

J. d' A.

NÍRVANA

Para além do Universo luminoso,
Cheio de formas, de rumor, de lida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vácuo tenebroso.

A onda desse mar tumultuoso
Vem ali expirar, esmaecida...
Numa immobilidade indefinida
Termina ali o ser, inerte, ocioso...

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo desse mundo morto
E torna a olhar as coisas naturaes,

Á bella luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tedio, em tudo quanto fita,
A illusão e o vasio universaes.

Anthero de Quental.

PERFEITA

A peregrina, celestial belleza,
Que em teu corpo se admira, e que me encanta,
Faz-me pensar na côrte pia e santa,
De que em seus livros a Igreja resa.

Mas se em teus olhos a paixão accêsa
Tropel de varias sensações levanta,
Reina em minha alma a confusão, e espanta
De quanto um coração pôde ser prêsa.

Por mim, que sou christão, não sei nem quero
Que sejas mais do que mulher nem menos,
E noutra crença já morrer não espero;

Mas, se é certo o que lemos em pequenos,
Fôras, na bocca de um pagão sincero,
A mais sublime incarnação de Venus.

Santos Valente.



NOTAS MITHOLOGICAS



ABEM os eruditos, que Marcellos Burdigalensis (de Bordeus) ou Empiricus, medico de Theodorio o grande (fallecido em 395), escreveu um *liber de medicamentis empiricis, phisicis ou rationalibus*, impresso pela primeira vez em 1536, (1) no qual se encontra um bom numero de formulas supersticiosas para o curativo de doenças, semelhantes, e em parte quasi identicas ás formulas que com o mesmo fim se acham ainda hoje entre todos os povos da Europa. Como elle passou quasi toda a vida em Roma e Byzancio, é natural pensar com Grimm que pela maior parte essas formulas sejam de origem latina ou grega; uma parte é sem duvida de origem celtica, apesar da interpretação que das que são inexplicaveis pelo latim ou pelo grego deu Grimm; tal interpretação não foi acceite pela sciencia.

L. F. Sauvé, na sua interessantissima collecção de *Proverbes et Dictons de la Basse-Bretagne* publicada na *Revue celtique* traz uma formula (ibid. III. 203) de que offerece a seguinte traducção:

Le Bubon a neuf filles:
De nuf elles sont réduites á huit,
De huit à sept,
De sept à six,
De six à cinq,
De cinq à quatre,
De quatre à trois,
De trois à deux
De deux à une
D'une à rien.

Em Marcello Burdigalense cap. 15 achamos-a seguinte *receita*: «glandulas mane carminabis, si dies minuatur, si nox ad vesperam et digito medicinali ac pollice continens eas dices:

novem glandulæ sorores,
octo glandulæ sorores,
septem glandulæ sorores,
quinque glandulæ sorores,
quattuor glandulæ sorores,
tres glandulæ sorores,
dux glandulæ sorores,
una glandula soror.
Novem fiunt glandulæ,
octo fiunt glandulæ,

septem fiunt glandulæ,
sex fiunt glandulæ,
quinque fiunt glandulæ,
quattuor fiunt glandulæ,
tres fiunt glandulæ,
duæ fiunt glandulæ,
una fit glandula,
nulla fit glandula.

A profunda coincidência que se nota entre a formula breton, colligida recentemente da tradição popular e a formula dada pelo medico do IV seculo não prova sem duvida a celticidade da mais antiga, pois, como indicamos já, essas formulas são communs a muitos povos; mas o que prova á evidencia é a grande antiguidade da formula breton. De facto todas as formulas semelhantes remontam á mais alta antiguidade, ou naquelles em que figuram os santos do christianismo e Jesus, houve apenas uma simples substituição delles aos deuses do paganismo. Essas formulas e todas as praticas que as acompanham são restos das mais antigas camadas das formações religiosas. Mas não queremos tratar aqui agora essa questão geral.

Na *Romania*, III, 269-273 (Paris, 1874) colligimos diversas versões da oração chamada de S. Cipriano ou de S. Custodio, a que o nosso povo atribue tantas virtudes e que é vulgar em toda a Europa.

Eis uma versão inedita colhida na Foz do Douro, em 1875:

— Simão amigo meu.
— Simão sim, amigo teu não.
— Das doze palavras
Ditas e retornadas
Dize-me a primeira.
— A primeira é a casa de Jerusalem,
D'onde Nosso Senhor Jesus Christo
Morreu por nós amen.
— Simão, etc.
Dize-me as duas.
— As duas são as duas taboas de Moysés
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Botou seus divinos pés.
— Simão, etc.
Dize-me as tres.
— As tres são as tres pessoas
Da Santissima Trindade.
— Simão, etc.
Dize-me as quatro.
— As quatro são os quatro evangelistas.
— Simão, etc.
Dize-me as cinco.
— As cinco são as cinco chagas
De Nosso Senhor Jesus Christo.
— Simão, etc.
Dize-me as seis.
— As seis são os seis cirios bentos.
— Simão, etc.
Dize-me as sete.

(1) Sobre Marcello vide-especialmente Jacob Grimm, *über Marcellus Burdigalensis*, *Klein. Schriften* II. 114-172.

— As sete são os sete sacramentos.
 — Simão, etc.
 Dize-me as oito.
 — As oito são as oito bemaventuranças.
 — Simão, etc.
 Dize-me as nove.
 — As nove são os nove mezes.
 — Simão, etc.
 Dize-me as dez.
 — As dez são os dez mandamentos.
 — Simão, etc.
 Dize-me as onze.
 — As onze são as onze mil virgens.
 — Simão, etc.
 Dize-me as doze.
 — As doze são os doze apóstolos,
 Doze raios tem o sol,
 Doze raios tem a lua;
 Estoira, d'ahi diabo,
 A alma é minha não é tua.

Acho numa publicação que teve pouca circulação a seguinte versão allemã: (1)

Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Eins?
 Eins ist Gott allein.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Zwei?
 Zwei Tafeln Mosis,
 Eins ist Gott allein.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist drei?
 Drei Patriarchen
 Abraham und Isaac
 Und der kleine Jacob
 Mit dem ledern Schnappsack,
 Wo er Käs und Brod stak
 Und ein Pfeifchen Tabak.
 Zwei Tafeln Mosis,
 Eins ist Gott allein.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Vier?
 Vier Evangelisten
 Drei Patriarchen
 Abraham und Isaac
 Und der kleine Jacob,
 etc.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist sechs?
 Sechs Krüge nit rothen Wein
 Schenkt der Herr zu-Kana ein,
 Kan'in Galilæa;
 Fünf Bücher Mosis,
 Vier Evangelisten,
 etc.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Sieben?
 Sieben Sacramente,
 Sechs Krüge mit rothem Wein,
 etc.

Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Acht?
 Acht Chöre der Heiligen,
 Sieben Sacramente,
 etc.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Neun?
 Neun Chöre der Engel,
 Acht Chöre der Heiligen,
 etc.
 Lieber Vater, sage mir:
 Was ist Zehn?
 Zehn Gebote Gottes,
 Neun Chöre der Engel, etc.

Numa versão portugueza que publiquei na *Romania* ha as repetições como na versão allemã. Em Portugal achamos já a formula no seculo xvii, mas a sua introdução é provavelmente muito anterior. Tanto a versão allemã, como as portuguezas e outras mais ou menos semelhantes doutros paizes teem necessariamente uma fonte commum.

Segundo a *Romania* 1, 223 na obra rabinica *Sepher Haggadah* encontra-se uma versão da mesma peça que comprehende: 1 Deus, 2 taboas da lei, 3 patriarchas, 4 matriarchas (Sara, Rebeca, Rachel, Lia), 5 livros de Moisés, 6 livros da Michna, 7 dias da semana, 8 dias que precedem a circumcisão, 9 mezes da gravidez, 10 mandamentos de Deus, 11 estrellas de Joseph, 12 tribus de Jacob e 13 tribus de Deus. Mas nenhum dos antigos manuscritos do *Sepher Haggadah* contém o canto dos numeros; é mister pois consideral-o como de origem não judaica. É de crêr que seja a transformação duma formula pagan.

Piedade, 1 de março de 1878.

F. Adolpho Coelho.

LOGOS

* Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim
 E o que é mais, dentro em mim — que me rodeias
 Com um nimbo de affectos e de ideias,
 Que são o meu principio, meio e fim...

Que extranho ser és tu (se és ser) que assim
 Me arrebatas comtigo e me passeias
 Em regiões inominadas, cheias
 De incanto e de pavor... de não e sim...

És um reflexo apenas da minha alma,
 E em vez de te encarar com fronte calma
 Sobresalto-me ao vêr-te, e tremo e exoro-te...

Falo-te, calas... calo, e vens atento...
 És um pai, um irmão, e é um tormento
 Ter-te a meu lado... és um tirano, e adoro-te!

Anthero de Quental.

(1) *Ueber Volks- und Kinderdichtung, etc.* von Dr. Sachse, no *Jahresbericht über die höhere Knaben-Schule Potsdamer-Strasse n.º 3*, etc. Berlin. 1869, pag. 48.